



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ -UFOPA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO -ICED  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS-PROFLETRAS  
ÁREA LITERATURA

**EDRIANA LÚCIA FONSECA DE MORAIS**

**DO TEXTO LITERÁRIO PARA A LITERARIEDADE DAS NARRATIVAS DA  
AMAZÔNIA: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE LEITURA**

SANTARÉM – PARÁ

2019

**EDRIANA LÚCIA FONSECA DE MORAIS**

**DO TEXTO LITERÁRIO PARA A LITERARIEDADE DAS NARRATIVAS DA  
AMAZÔNIA: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE LEITURA**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras, Curso de Pós-Graduação em Letras, Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS, da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA.

Orientador: Prof. Dr. Edivaldo da Silva Bernardo

SANTARÉM – PARÁ

2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Processamento Técnico da Divisão de Biblioteca da UFOPA Catalogação de Publicação na Fonte. UFOPA - Biblioteca Central Ruy Barata

Morais, Edriana Lúcia Fonseca de.

Do literário para a literariedade das narrativas da Amazônia:  
uma proposta de ensino de leitura / Edriana Lúcia Fonseca de

Morais. - Santarém, 2019.

95f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Oeste do Pará,  
Instituto de Ciências da Educação, Mestrado Profissional em Letras  
(PROFLETRAS).

Orientador: Edivaldo da Silva Bernardo.

1. Formação de Leitores. 2. Literatura. 3. Ensino. 4. Amazônia. I.  
Bernardo, Edivaldo da Silva, orient. II. Título.

UFOPA/Sistema Integrado de Bibliotecas

CDD 23 ed. 869

Elaborado por Bárbara Costa - CRB-15/806

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**EDRIANA LÚCIA FONSECA DE MORAIS**

**DO TEXTO LITERÁRIO PARA A LITERARIEDADE DAS NARRATIVAS DA  
AMAZÔNIA: UMA PROPOSTA DE ENSINO LEITURA**

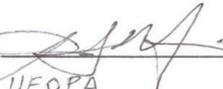
Dissertação aprovada em 15 / 02 / 19 como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre no curso de Pós-Graduação em Letras, Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS, da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, pela seguinte banca examinadora:

Orientador(a): Prof.(a). Dr.(a). 

Instituição: UFOPA

Prof.(a). Dr.(a). Francisco Edson Sousa de Oliveira - Unama.

Instituição: Unama.

Prof.(a). Dr.(a). 

Instituição: UFOPA

Santarém, 15 de fevereiro de 2019.

**SANTARÉM – PARÁ**

**2019**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por tudo.

Ao professor Doutor Edivaldo da Silva Bernardo, pelas valiosas orientações. A minha mãe Iolanda Fonseca, por se manter sempre ao meu lado me apoiando e sendo meu porto seguro.

A minha filha Milena Moraes por compreender a necessidade de minha ausência. Ao marido Milton Moraes, pelo incentivo e por vivenciar comigo minhas angústias e vitórias.

Aos professores do PROFLETRAS/UPOFA, por todo o aprendizado.

Aos amigos do Mestrado, pelas palavras de incentivo, em especial a colega Josiane Cardoso, pela cumplicidade.

Aos alunos do 8<sup>o</sup> ano da escola municipal Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, por contribuírem significativamente para o desenvolvimento dessa proposta.

A direção e coordenação da escola municipal Nossa senhora do Perpetuo Socorro, por compreender a necessidade de envolvimento no curso.

À CAPES, pelo financiamento do curso.

A todos que estiveram comigo  
nesta caminhada, em especial  
aos que sonharam o meu  
sonho: Iolanda Fonseca, Milena  
Morais e Milton Moraes.

Não tenho um caminho novo. O  
que eu tenho é um jeito novo de  
caminhar. (Thiago de Mello).

## RESUMO

O texto artístico-literário é um dos mais expressivos instrumentos de colaboração à ampliação da competência leitora, pois carrega em si uma alta qualidade e faz uso especial da linguagem, tem a grande capacidade de dá significado ao mundo. É necessário que a preciosa missão de promover o acesso à leitura, atribuída genuinamente à escola, seja realizada também por meio desses textos, já que são constituídos de saberes sobre o mundo e a humanidade, capazes de promover experiências intensas ao leitor. Considerando a relevância da leitura de textos artísticos-literários, no contexto escolar, procurou-se com o presente trabalho, elaborar, aplicar e avaliar uma prática de leitura de contos de Literatura Brasileira de Expressão Amazônica. O objetivo dos passos metodológicos aqui realizados é verificar de que forma a Literatura Brasileira de Expressão Amazônica pode contribuir para a ampliação da competência leitora, dentro do contexto escolar. Temos como público alvo alunos do 8º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, região do Eixo-Forte, município de Santarém, vistos aqui como leitores literários iniciantes, aptos para se envolver em práticas de letramento literário dentro de uma perspectiva crítica e emancipatória. A escolha dessa expressão literária se dá em vista a sua relevância de caracterização deste espaço, visto que as narrativas se aproximam e refletem de alguma forma a realidade social do público alvo desta intervenção. O estudo realizado permitiu consolidar o conhecimento do processo de constituição da Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, bem como seus componentes, influenciadores e os pioneiros que permitiram a sedimentação de uma literatura única, capaz de significar a vida dos educandos deste espaço. Para esta reflexão apoiou-se nas ideias TUPIASSU (2016), LOUREIRO (1995), SOUSA (2010), FARES (2014), JUNIOR (1969) BENCHIMOL (2014). A proposta de ensino situa-se no saber pedagógico proposto por SOUSA e GIROTO (2014), COSSON (2012) e SOLÉ (1998) as reflexões aqui expostas lançam um olhar reflexivo sob a forma como se dá a leitura artístico-literária na escola e como ela pode ser realizada de maneira contextualizada próximo à realidade social do aluno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura, literatura, leitor, amazônica, ensino, realidade.

## ABSTRACT

The literary artistic text is one of the most expressive instruments of collaboration in the formation of readers, because it carries a high quality and makes special use of the language, it has the great capacity of gives meaning to the world. It is necessary that the precious mission to train readers, genuinely attributed to school, should be carried out also through these texts, since they are constituted of knowledge about the world and man, capable of promoting intense experiences to the reader. Considering the relevance of the reading of literary artistic texts, in the school context, we tried to elaborate, apply and evaluate a reading practice of short stories about Brazilian Literature of Amazonian Expression. The objective of the methodological steps carried out here is to verify how Brazilian Literature of Amazonian Expression can contribute to the reader's formation. Our target audience is the 8th grade elementary school students of the Nossa Senhora do Perpétuo Socorro Municipal School, observed here as beginning literary readers, capable of engaging in literary literacy practices within a critical and emancipatory perspective. The choice of this literary expression is due to its relevance to the characterization of this space, since the narratives approach and reflect in some way the social reality of the target audience of this intervention. This study made it possible to consolidate the knowledge of the process of constitution of the Brazilian Literature of Amazonian Expression, as well as its components, influencers and pioneers that allowed the sedimentation of a unique literature, capable of meaning the life of the students of this space. This reflection was based on the ideas TUPIASSU (2016), LOUREIRO (1995), SOUSA (2010), FARES (2014), JUNIOR (1969) BENCHIMOL (2014). The teaching proposal is based on the pedagogical knowledge proposed by SOUSA and GIROTO (2014), COSSON (2012) and SOLÉ (1998). The reflections presented here throw a reflexive look at how the literary artistic reading in the school and how it can be done in a contextualized way close to the social reality of the student.

**Keywords:** Reading, literature, reader, Amazon, teaching, reality.

## LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 1 - Alunos em contato com o texto literário.....</b>	<b>75</b>
<b>Imagem 2 - Aula passeio centro cultural João Fona.....</b>	<b>77</b>
<b>Imagem 3 - Observação do acervo cultural.....</b>	<b>77</b>
<b>Imagem 4 - Momento de leitura compartilhada.....</b>	<b>80</b>
<b>Imagem 5 - Momento de leitura compartilhada.....</b>	<b>81</b>
<b>Imagem 6 - Socialização dos contos na feira do conhecimento.....</b>	<b>83</b>
<b>Imagem 7 - Socialização dos contos na feira do conhecimento.....</b>	<b>84</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>A ESCRITURA DO LITERÁRIO AMAZÔNICO: MÚLTIPLOS OLHARES.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 Obedecendo o curso das águas: Um novo olhar para o período.....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 O prazer artístico produzido com o látex.....</b>	<b>22</b>
<b>1.3 O Fantástico e o Maravilhoso no olhar do europeu.....</b>	<b>27</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>DO LITERÁRIO PARA A LITERARIEDADE DAS NARRATIVAS DA</b>	
<b>AMAZÔNIA.....</b>	<b>32</b>
<b>2.1 Os filhos da terra.....</b>	<b>35</b>
<b>2.2 Os observadores e partícipes deste enredo.....</b>	<b>43</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>O DESAFIO DE REALIZAR LEITURA ARTÍSTICO LITERÁRIA NA SALA DE</b>	
<b>AULA.....</b>	<b>51</b>
<b>3.1 O que fazer diante do não encontro entre o aluno e o texto artístico</b>	
<b>literário?.....</b>	<b>55</b>
<b>CAPÍTULO 4</b>	
<b>PESQUISA – AÇÃO COMO METODOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE</b>	
<b>UMA INTERVENÇÃO PARTICIPANTE E RESULTADOS.....</b>	<b>60</b>
<b>4.1 Metodologia da intervenção.....</b>	<b>61</b>
<b>4.2 O cenário de intervenção e o público-alvo.....</b>	<b>65</b>
<b>4.3 Construído o corpus literário (oficinas).....</b>	<b>67</b>
<b>4.3.1 Descrição das Atividades Propostas.....</b>	<b>68</b>
<b>4.4 Resultados.....</b>	<b>74</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>91</b>

## INTRODUÇÃO

Ler é uma necessidade humana, uma das maiores habilidades / capacidades que o indivíduo pode adquirir ao longo da vida, pois a leitura é um fator de inclusão social e sem dúvida um direito que vem sendo negado à maioria, principalmente aos que pertencem às classes sociais menos favorecidas. É por meio da leitura que o cidadão tem a possibilidade de ter acesso ao conhecimento, e de participar ativamente, criticamente das atividades sociais, compreendendo o funcionamento das esferas da sociedade e interpretando o mundo em sua volta e o mundo além do que está ao seu redor.

Não se sabe ao certo em que momento da vida nasce um leitor proficiente, o que se sabe são os benefícios que a prática da leitura pode trazer à vida de um cidadão. Em vista da importância que a leitura tem na sociedade contemporânea, as ações para promovê-la são cada vez mais relevantes, porém tais iniciativas devem ser bem planejadas e de maneira significativa.

Quando falamos em prática de leitura é preciso definir que tipo de leitores queremos formar, pois as ações para esta formação serão pautadas de acordo com a concepção de leitor que se tem, considerando que o espaço escolar não é o único a despertar essa habilidade, mas pode ser considerado o principal. Diante disso, entende-se a formação de leitores de acordo com que diz Britto (2015), que o leitor crítico será aquele que na leitura se afirmar e se reconhece como parte do processo de produção de sentido.

Deste modo, compreende-se como necessária uma ação interventiva que tenha como objeto de estudo a possibilidade de ampliação da competência leitora por meio de textos da Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, nas escolas de contexto local, já que assim como as outras expressões literárias, ela possui uma diversidade de texto, múltiplas formas, pluralidade de temas e a capacidade incomparável de significar e representar a vida de quem vive no território Amazônico. O estudo nasce da necessidade de promover o contato dos leitores em formação com manifestações artísticas-literárias que reflitam seus costumes, sua vida e diversas características peculiares que só se encontra na Amazônia. É, pois, na escola que a formação de leitores efetivamente acontece. E por que não aproximar os leitores de

sua identidade literária? Por que não utilizar a arte literária da Amazônia na formação do leitor desta região? Diante das reflexões acima, a pesquisa aqui realizada visa responder ao seguinte questionamento: Como o ensino de leitura artístico-literária, utilizando narrativas de Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, pode contribuir para a ampliação da competência leitora dos educandos?

Numa expectativa de mudança, espera-se que o contato com essa expressão literária seja ampliado, a partir dos pressupostos da BNCC, Base Nacional Comum Curricular, pois como afirma Souza (2010) a Literatura Brasileira de Expressão Amazônica possui muita produção, mas as obras não chegam nas mãos daqueles que deveriam ser os primeiros a se solidarizarem com as ideias postuladas pelo autor, pois há uma baixa frequência, nas escolas de contexto amazônico, de iniciativas de leitura com este enfoque .

Para concretização dos objetivos traçados no projeto de pesquisa e encadeamento das partes e estruturação deste trabalho, dividiu-se o texto em quatro capítulos

No primeiro capítulo, apresenta-se algumas considerações sobre a origem do texto literário na Amazônia e o processo de evolução da Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, bem como o olhar do colonizador nos primeiros registros realizados acerca deste espaço e como estes eram realizados, considerando o objetivo de representar a Amazônia literariamente. Apresenta-se ainda uma pequena reflexão sobre a formação do imaginário amazônico, considerando a contribuição do colonizador e os povos nativos da região.

O segundo capítulo constituiu-se de um exemplo de autores e obras artísticos-literárias que foram significativas na formação da Literatura Brasileira de Expressão Amazônica. As reflexões postulam-se acerca da importância da obra artística, dado ao período de sua criação, considerando a criatividade do autor frente à cena social e cultural das obras. Os dois primeiros capítulos realizam-se como um registro, uma transição do registro literário para a literariedade das narrativas, pautado nas características de cada autor e obra escolhida.

O terceiro capítulo trata sobre a Literatura como uma possibilidade de ensino de leitura, tendo como estratégia o contato com as narrativas da Literatura Brasileira De Expressão Amazônica. Aborda-se também outras questões fundamentais como: o

espaço na escola destinado para o desenvolvimento do leitor artístico-literário e as ações do professor considerando o contexto e a necessidade dos educandos.

No quarto capítulo, aborda-se o projeto de intervenção intitulado “Um olhar amazônico para a leitura artístico-literário”. Neste, apresenta-se a metodologia adotada, considerando o perfil do público alvo e o contexto escolar em que o projeto foi desenvolvido, bem como os procedimentos realizados nas oficinas de leitura e na busca da coleta de dados. Apresenta-se também neste capítulo a análise dos resultados, com o desfecho das oficinas, comentários da teoria adotada, e os principais acontecimentos, no desenvolvimento da pesquisa, seguido das considerações finais acerca do trabalho realizado.

## CAPÍTULO 1

### A ESCRITURA DO LITERÁRIO AMAZÔNICO: MÚLTIPLOS OLHARES

Duas áreas do conhecimento que caminham paralelamente: história e a literatura, afinal, a literatura está ligada à possível demonstração artística da realidade. À obra literária emerge carga importante na formação cultural, política e social do escritor e do leitor. A associação entre história e literatura permite que as sociedades futuras percebam as transformações sociais vivenciadas pelo escritor, refletidas na ação discursiva de sua obra, onde predomina o imaginário.

Iniciadas as discussões tratando do entrelaçamento entre história e literatura, segue-se a abordagem chamando atenção para considerável contribuição que autoridades religiosas e cronistas, do período colonial, deram para literatura no Brasil. É deles os primeiros registros da colonização no Brasil e na Amazônia, que resultou em um importante legado de conhecimento híbrido<sup>1</sup>, pois nestes, contêm a literatura e o saber, mesclados com aspectos gerais da terra e das pessoas que ali habitavam, bem como a peregrinação de impetuosos, desbravadores, de acordo com o termo utilizado na época, que colocavam suas vidas em penhor na busca da dominação de povos, cujo troféu era a usurpação das riquezas. Neste panorama histórico, é possível considerar que esses textos pertencem muito mais à história e à sociologia do que propriamente à literatura, pois tinham o papel de descrever e despertar interesse pela nova terra, destacando a forma física, socialmente diversa, que se apresentava. Porém, “destaca-se que esses escritos serviram de preparação para a literatura de imaginação que, nascida das mesmas solicitações, vai fundar vigorosa e perene corrente das letras brasileiras” (COUTINHO, 2004, p. 234).

É de grande relevância a existência desses registros para a memória cultural brasileira, sendo que estes atuam como fonte permanente de referências geográficas,

---

<sup>1</sup> Figurado (sentido) figuradamente: que ou o que é composto de elementos diferentes, heteróclitos, dispartados, ou seja, um composto por diversas informações.

incursões históricas, reflexões sobre lugares e costumes dos povos que aqui já habitavam.

Foram estes relatos que serviram, posteriormente, em grande parte, na orientação, classificação e interpretação da região como ciência; foram eles, perscrutadores do fantástico e do maravilhoso, que permitiram o conhecimento das coisas visíveis e invisíveis, guiando uma futura expressão de representar o enigma regional numa peculiar escritura. A Amazônia abriu-se aos olhos do Ocidente com seus rios enormes como dantes nunca vistos e a selva, ela pela primeira vez, deixando envolver-se. Uma visão de deslumbrados que não esperavam conhecer tanta novidade. (SOUZA 2, 2010, p. 59)

Os registros de viagem ou literatura informativa, assim chamada, constituem a gênese do nosso objeto de estudo, que é a Literatura Brasileira de Expressão Amazônica. Os livros de viagens englobam um gênero periférico que se enquadra na paraliteratura, segundo Neves (2011). Em que o objetivo primordial era informativo. As cartas, memórias e biografias do período colonial não estabelecem como literário dada à observância de três aspectos: a comunicação, a intencionalidade e a própria escritura empenhada com a informação prática e real daquela época. Porém, é essencial chamar a atenção para o aspecto da realidade registrada nestes relatos feitos pelo clero e outros cronistas. Possuía, então, sempre o objetivo de atender o interesse do colonizador, ou seja, sua ideologia, pois neles encontrava-se o olhar europeu que visava a expansão de seus domínios materiais e espiritual.

Impossibilitado de observar de perto a dominação de suas colônias, o rei de Portugal, D. João III (1521-1557), contava com importante contribuição dos cronistas para lhe deixar informado da vida nas colônias portuguesas. Como nos diz Souza (2010), era conveniente que os relatos se aproximassem da natureza e se afastassem das estratégias assustadoras de dominação, o que denotava a orientação ideológica dos relatos. Os índios estavam confinados ao capítulo da queda e da infidelidade teológica original. “Os relatos produzidos na colônia brasileira possuíam duas vertentes, a primeira é a literatura de catequese e a segunda a literatura de fundo econômico” (COUTINHO, 2011 p. 240).

O conquistador, o europeu de diferentes bandeiras, via o indígena aqui encontrado como um ser oriundo das escrituras sagradas e pertencente ao paraíso de Adão. A preocupação maior do colonizador era descrever as riquezas naturais da nova terra. Tratava-se de lugar de novas oportunidades. Pôde-se perceber que:

Somente um ponto era comum entre o índio e o branco: a violência com que atacavam ou se defendiam. Por isso as culturas originárias deveriam ser erradicadas e os povos amazônicos destribalizados e postos a serviço da empresa colonial. As crônicas dos primeiros viajantes são de uma escrupulosa sobriedade em relação ao sofrimento dos índios. Por esses escritos instala-se a incapacidade de reconhecer o índio em sua alteridade. Nega-se o índio, para sempre, o direito de ser índio. (SOUZA2, 2010, p. 60).

Compreende que de alguma forma o indígena tentou defender seu espaço, fato ainda hoje observado como forma de resistência, frente à estratégia de dominação ideológica imposta. É considerável ressaltar “que nenhum conjunto dado de acontecimentos históricos casualmente registrados pode por si só constituir uma estória.” (WHITE, 1994, p.100). Ou seja, a mesma estória pode ser contada de diferentes pontos de vista, de acordo com a percepção de quem registrou. Desta forma deve-se compreender o exto histórico em diferentes sentidos, ou seja, com múltiplos olhares, considerando o olhar do colonizador e os nativos da Amazônia.

Negando-se os saberes indígenas nega-se também a Amazônia, pois ambos são constituídos da mesma essência.

A literatura informativa, dos jesuítas, era movida pela curiosidade e aventura, que alimentavam a criação de mitos pelo europeu, sendo este período marcado por uma espécie de revitalização da Idade Média, que ganhava força com as primeiras caracterizações do novo mundo especialmente da Amazônia.

O imaginário do colonizador desconsiderou o fantástico que aqui já existia, e é nesse momento de embate cultural que o indígena tem seu universo pluricultural e mítico devassado e corrompido pela catequese e pela violência, pois, além de serem dizimados e destribalizados, seus rituais foram vistos como expressões demoníacas para o olhar do colonizador. A prosa teológica avançou sobre a terra e sobre as pessoas subjugadas por sua relação com a natureza.

O imigrante português ao observar a Amazônia não considerou a voz do povo dessa região, por considerasse civilizado e detentor de uma cultura superior. Esse mesmo imigrante só consegue perceber as diferenças culturais do outro, do amazônida, que no fundo é ele mesmo, quando o anula (PENALVA & SCHNEIDER, 2007, p. 117).

Ou seja, o cronista registrava de acordo com sua concepção ideológica, desconsiderando o outro lado da história, mostrando que seu discurso era tendencioso e que não tinha a intensão de valorizar a carga cultural dos índios, pois julgava detentor de uma cultura superior.

Essa revisita ao passado torna-se relevante para compreender a conjuntura atual da Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, cujo espaço, a partir do qual ela se realiza foi sempre subjugado, e a mesma constitui-se a partir de diferentes ciclos exploratórios. Diante desta afirmativa, podemos compreender alguns elementos sociais e históricos que nos ajudam entender a ausência de contato com o texto literário amazônico.

A literatura de informação ganhou forma, evoluiu em uma Amazônia Lusíndia, como afirma Benchimol (2009), pois, pouco a pouco, o colonizador impôs seus padrões culturais, tendo como agente os jesuítas e seu modelo de catequese e comércio extrativista, visto que o colonizador soube utilizar a riqueza da igreja e sua necessidade de expansão em benefício próprio.

Na Amazônia, nessa literatura empenhada com a informação na visão lusitana temos como destaque as obras de frei Gaspar de Carvajal, no século XVI, e o padre Cristóbal de Acunã, século XVII. Seus registros constituem o campo informativo e o artístico literário, visto que apresentam fantasias enraizadas no imaginário da época, bem como uso exagerado de figuras de linguagem, subjetividade, presença do maravilhoso e informação. Desta forma:

É importante lembrar que o *Descobrimento do rio de Orellana*, escrito por frei Gaspar de Carvajal, e o *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas*, redigido por Cristóbal de Acunã, apesar de se revestirem de uma capa histórica, pela própria natureza e por terem sido produzidos durante a construção história e política da Amazônia, possuem qualidade literária que tem justificado o crescente interesse sobre eles. (NEVES, 2011, p.19)

As duas narrativas serviram de influência para produções posteriores e reproduzem o olhar do estrangeiro acerca da região, pois, à medida que o modelo colonial avançava sobre o território amazônico, tendo como via o leito de seu principal rio, havia também produção da literatura informativa, tendo em vista que o caráter principal era apenas o de testemunhar riquezas naturais e possibilidades de exploração. Não era apenas o Grão Pará que sofria com mudanças, como nos afirma Coutinho (2004), o europeu, em contato com a nova realidade geográfica e social, necessitou adaptar às novas situações culinárias, sociais e ecológicas. Assim, é relevante considerar que:

Quem ordenava a composição dessas crônicas era o poder colonizador sediado na metrópole. Em todas elas há a história de muito apossamento territorial, muito cumprimento da ordem de cantar, como se dizia, fincar no chão a bandeira lusitana e a afirmação de intenso desejo de doutrinação cristã. Em todas as crônicas firma-se o destemor e o sofrimento também do

colonizador, no decorrer de andanças de morte, muitos passos desnorteados, muitos relatos de ideias vindas permeados de surpresas e de inesperados pontos finais, isto é, a morte à contingente de colonos que precisavam se adaptar a qualquer custo num mundo para eles inóspito, mas que eles enfrentavam pela ganância de lucros fáceis à custa do trabalho escravo (...) (TUPIASSU, 2016, p. 15).

Na Amazônia, para a sobrevivência do colonizador europeu, era necessário contar com a contribuição dos indígenas que sem os quais não era possível a navegação, visto que este conhecia as condições geográficas dos rios.

Enquanto a maioria dos cronistas pouco se preocupavam com o genocídio, o militar Henrique João Wilkens (1736/ 1800) escreve produção que emerge reflexão sobre naquele e daquele período. Trata-se de um poema épico sobre possível pacificação dos índios Muhra, que ocupam atualmente um território na cidade de Boa Vista, sendo publicado em Lisboa (1819), trinta anos após ser escrito. A obra visa romper com o modelo adotado pelos pioneiros que descreveram a região. O poema “Muhuraida ou o Triunfo da fé” buscava denunciar a forma como se deu a colonização nesse espaço, marcada pela resistência dos indígenas. Isso nos mostra que “narrativas históricas são como aquilo que elas manifestam, são ficções verbais cujo conteúdo é um tanto inventado como descoberto” White (1994).

Outro cientista da poesia é Alexandre Rodrigues Ferreira (1756 /1815) que tenta despontar a região Amazônica para o sistema de observação científica. Sua obra “Diários da viagem filosófica pelas capitanias do Grão-Pará” (1875), data de publicação, condensa-se em enciclopédia que envolve desde os minerais até a estrutura de produção da sociedade, onde se descreve o indígena como ser infantil, devido a sua inocência, portanto, objeto contido de ingenuidade e ignorância, diante do novo mundo que a ele se apresenta. Neves (2011) diz que, embora sejam tentativas de produção artísticas-literárias, as narrativas citadas acima estavam comprometidas com a informação.

As dinâmicas sociais e conflitos ocorridos ao longo do período de colonização estabeleceram distanciamento nas relações culturais e sociais entre índios, negros, caboclos e brancos, em um território que sempre nos projetos das decisões políticas, visto que era considerado pelos governantes da época como um território problemático.

De certo modo, em dois séculos de colonização o português se impôs, subjugando o francês e o espanhol, que competiam pela dominação daquelas porções

coloniais aqui na América, prevalecendo como dominador da população nativa, cujo golpe fatal na identidade cultural foi o decreto pombalino, de maio de 1757, que transformava as aldeias que já estavam organizadas ao modo jesuítico, em vilas e cidades, e a língua nativa tornou-se proibida, bem como alguns costumes e o modo de viver em habitações coletivas. Todo esse processo pelo qual as populações da Amazônia atravessaram sedimentaram cultura voltada para a relação profunda com a natureza numa ação de resistência frente às constantes modificações, emergindo, então, populações ribeirinhas. Diante disto:

Em vez de pensar que a vida é luta, o caboclo pensa que a vida é adaptação e como vive em terra de sopapos, permanece de cócoras, com eles... A rarefação demográfica isola e inutiliza os esforços humanos: a selva é o paredão verde que ilha e aprisiona o homem. Contudo indiferente à agressão o caboclo diverte-se olhando a cadência monótona das águas. (PEREGRINO JUNIOR, 1969, p.101).

Diante disto, o caboclo da Amazônia aprendeu a viver com as dificuldades que a floresta impõe e a superá-las. De certo, o que se pode afirmar da literatura do período colonial na Amazônia é que ela possui função utilitária que muito contribuiu para o conhecimento da região, tendo um caráter embrionário para estudos posteriores em múltiplos campos do conhecimento.

### **1.1 Obedecendo o curso das águas: Um novo olhar para o período**

Somente a partir do século XVIII é que a criação estética literária passa a fazer parte dos ensaios produzidos acerca da região amazônica. Os ciclos exploratórios realizados em toda bacia do rio Amazonas são responsáveis também pelo desenvolvimento intelectual. É sabido que à medida que o ser humano se estrutura em sociedade, suprimindo suas necessidades básicas de sobrevivência, nasce o desejo de contemplação, e com o europeu colonial não foi diferente. À medida que os ciclos de exploração atingiam seus objetivos, emergia a necessidade de consumo artístico.

A cultura ocidental demorou mais a chegar e só foi possível atingir níveis mais sensíveis, quando os jovens filhos da terra, resultado dessa miscigenação, os mais abastados foram mandados para estudar em Portugal ou em outro centro cultural da Europa. A influência do meio ou a imensidão da floresta, o curso d'água fabuloso, tiveram grande importância na formação de uma mentalidade nascente e da literatura que mais tarde haveria de surgir (MEIRA, 1990 p.133).

Os primeiros ciclos exploratórios na Amazônia constituíram-se de drogas do sertão (1700-1790) e o cacau (1800-1890), cujo fruto deu à capital do Grão-Pará importantes melhorias estruturais e uma riqueza em monumentos artísticos, bem como a mudança no estilo de vida da sociedade que se compunha em solo tropical. O europeu, que vivia nos trópicos, experimentava o apogeu do ciclo comercial do cacau. Desta forma, sentia necessidade de viver em um ambiente que se assemelhasse à terra natal, sendo assim, a cidade de Belém experimentou uma transformação social e cultural. Passou a importar modos de vida que imitassem o cotidiano europeus na época, sendo que as transformações mais significativas foram nos campos da arquitetura, teatro, poesia, oratória e imprensa. Neide Gondim (1994) afirma que os investimentos em arte e literatura eram vistos apenas como consequência da extravagância e esbanjamento que o sucesso dos ciclos exploratórios proporcionava.

É importante ressaltar que esse apogeu artístico era experimentado apenas pelos membros do governo e grandes comerciantes, pois a maior parte da população amazônica foi constituída de miscigenação, que passava por um processo de aculturação, em que a cultura europeia subordinava a cultura nativa, dando a ela um caráter inferior, sob a alegação de imprimir um possível processo civilizatório, que já estava enraizado, e que ordenou ao novo mundo os desígnios do europeu. O prevalecimento de uma cultura sobre a outra só foi possível porque o português possuía um poderoso aparato bélico, que os permitia a dominação de outras culturas. Portanto, a cultura estava sendo recriada de acordo com o olhar do colonizador. Diante disto:

Tantos portugueses como espanhóis, no processo conquista e ocupação, transplantaram e difundiram os valores e símbolos culturais europeus. A sociedade nativa amazônica, ao receber o impacto dominante desses valores e sistemas imperiais, aculturou-se, por via de submissão, acomodação, assimilação ou conflito, sobrepondo-os ou integrando-os à própria cultura original. (BENCHIMOL, 2009, p.73).

Para o indígena, deixar que a cultura europeia prevaleça sobre a dele como uma forma de refletir seu descontentamento, sua incapacidade de combater a arma de fogo e disputar com igualdade a posse da terra.

Como afirmou-se em linhas anteriores, a contemplação da arte estava destinada à aristocracia, que teve o privilégio de ver a cidade de Belém moldada em palacetes, que nada deviam aos da Europa, assinados pelas mãos do arquiteto da

realeza<sup>2</sup>. Antônio Giuseppe Landi (1713- 1791), cuja obra pode ser contemplada ainda atualmente nas avenidas da capital paraense, merecendo destaque o Palacete dos Governadores, considerado um mini *Versalhes* Amazônico, a igreja da Sé, as igrejas do Carmo, das Mercês, de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, de Santana, todas elas apresentando influência do Barroco e do Rococó.

Além das igrejas, Landi ocupou-se com a construção de muitas residências particulares que refletiam o apogeu econômico da época, tornando a arquitetura da capital do Grão-Pará a mais avançada do período colonial. Para a efetivação dessa valorização europeia em solo brasileiro, era preciso contar com a mão-de-obra negra e indígena para os quais sobravam as migalhas do apogeu da economia colonial.

A economia do cacau e das drogas do sertão se fazem presentes também nas obras literárias, sobretudo naquelas que necessitavam relatar para Portugal os fatos econômicos da colônia Portuguesa na Amazônia, como podemos observar nas palavras de Acunã.

O cacau, de que estão suas margens tão cheias, que, algumas vezes, as madeiras cortadas para o alojamento de toda a tropa não eram outras senão as das árvores que produzem esse fruto bastante apreciado na Nova Espanha ou em outro lugar qualquer, onde se saiba o que é o chocolate. Beneficiado, ele se torna de tanto proveito, cada cacauero pode render, anualmente, oito reais de prata, livres de quaisquer despesas. E bem se pode ver com quão pouco trabalho se cultivariam tais plantas neste rio, pois, sem nenhum artifício, a natureza sozinha as enche de abundantes frutos [...] (Acunã, 1994[1641], p. 89-90).

Graças a economia do cacau, o teatro ultrapassou as paredes dos conventos, migrando das raízes eclesiásticas para se tornar manifestação de lazer da elite, cuja ópera era a principal expressão cultural da época. Para tal, foi construído A Casa Da Opera, que se tornou o centro da arte dramática do Grão-Pará. Segundo Rosário (1986), a arte foi uma invenção italiana disseminada pelas províncias coloniais portuguesa da América e que foi largamente contemplada nas províncias que mais prosperaram, tanto na mineração como na agricultura. A apreciação do teatro demonstra o dinamismo em que a sociedade colonial amazônica se encontrava. A pequena sociedade amazônica refletia abertura e interesse pelo refinamento e pela cultura letrada da época, fato que irá se comprovar com a apreciação da obra de Tenreiro

---

<sup>2</sup> Antônio Landi, arquiteto enviado pela coroa portuguesa para a Amazônia, a fim de construir a cidade de Belém de acordo com os moldes das metrópoles europeias. É considerado um intelectual que se doou pelo progresso da Amazônia.

Aranha (1769-1811), considerado o pioneiro na expressão verdadeiramente literária da civilização amazônica. Em sua obra, é possível encontrar não apenas a exaltação da natureza, como fizeram seus antecessores, mas também as aspirações do povo e sua relação com a soberania portuguesa.

A poesia da amazônica ganha mais um representante no apogeu do cacau com os versos de Filipe Petroni que destaca também na oratória, tornando-se um importante intelectual de enorme projeção na vida cultural amazônica. Os versos de Aranha e Petroni serviram de combustível para disseminação de ideais políticos como da cabanagem, cuja imprensa tornou-se principal veículo de divulgação das ideias nacionalistas.

Segundo Meira (1990), as manifestações literárias envolvendo questões sociais e políticas faziam germinar os anseios separatistas, a análise fria da situação imposta aos índios, a posição vexatória da escravatura, além dos sentimentos republicanos.

Nota-se com esses feitos que, apesar de ser em sua maioria, como afirma Souza (2010), sociedade de vassalos, o povo da Amazônia tentava resistir aos desfeitos do colonizador, embora subestimados em sua cultura, expressava na prosa e na poesia a rebeldia que vinha de encontro aos interesses da aristocracia, mas que era necessário para a composição de ideias políticas e sociais que culminaram com a Cabanagem ( 1835 a 1840 ).

## **1.2 O prazer artístico produzido com o látex**

Obrigados pelos conflitos e declínio à reconstrução do período da cabanagem, a revolta popular que ocorreu entre 1835 a 1840, a aristocracia do Grão Pará via-se, mais uma vez, diante de um apogeu extrativista. Dessa forma, a seiva comercializada era o látex da seringueira, que permitia, aos grandes extrativistas, somas homéricas extraídas do trabalho de um novo componente na formação cultural da Amazônia. Neste ciclo exploratório, os seringais receberam como mão-de-obra a força de um retirante que via na Amazônia a promessa de riqueza. Nas palavras de Samuel Benchimol (2010), vir para a Amazônia naquela época equivalia ao suicídio, porém dada à conjuntura econômica do nordestino, esta era a única alternativa de sobrevivência.

A fase áurea do chamado ciclo da borracha ( 1900-2000) foi, sem dúvida, um capítulo de grandeza e de miséria na história deste território, pois os nordestinos, fugidos da fome e da seca, habitavam a Amazônia de ponta à ponta com a finalidade de executar trabalho que não necessitava de tanto conhecimento, mas que gerava muitos lucros para os chamados coronéis dos seringais, pois quando estes saíam de sua terra, entravam em cruel sistema de endividamento, conhecido popularmente como *aviamento*<sup>3</sup>. O trabalhador nordestino entrava no seringal devendo ao seringalista, desde a passagem da *Gaiola*<sup>4</sup> até a alimentação, e, no seringal, a dívida aumentava à medida que o trabalhador, vindo de outra realidade, tinha necessidades que iam além da alimentação e ainda encontravam o desafio de superar as doenças tropicais.

Esses contrastes e conflitos sociais serviram como pano de fundo para a produção literária não-oficial da época, pois o gosto pela arte neste período e que circulava nos saraus da aristocracia da borracha era por obras literárias produzidas ao modelo europeu, sendo uma cópia de tudo que era produzido fora do Brasil.

A literatura contemplada pela aristocracia não se movia em comoção pelas condições subumanas que o nordestino encontrou na Amazônia e que lhe colocaram em uma semiescuridão.

Foi uma literatura sempre muito limpa, escorreita, que não sujava as mãos. A opulência inflou a palavra até a impotência, e a poesia, que surgia do barulho das garrafas estilhaçadas tentava escravizar os significados do silêncio dos seringais. Contorcendo-se como um orgasmo vergonhoso e solitário, essa literatura não poderia sobreviver. Ela somente interessa aos estudiosos de casos patológicos, permanecendo no mesmo nível de um balancete da Associação Comercial (SOUZA, 2010, p. 126).

Se na zona rural da Amazônia o seringueiro sofria, na zona urbana era diferente, pois o dono, seringalista, pousava de exímio homem de negócios desfrutando dos louros que o comércio exterior da borracha lhe concedia. A chamada Belle Époque atravessava os limites franceses para além-mar e chegava no interior da floresta para

---

<sup>3</sup> Cada um dos aprestos, materiais, equipamentos etc. necessários à realização de uma atividade ou obra. Mercadoria que o aviador ('fornecedor') fornece ao aviado ('seringueiro'); provisão.

<sup>4</sup> Espécie de embarcação responsável pelo deslocamento de pessoas e mercadorias no período da borracha.

embelezar as cidades de Belém e Manaus a partir de uma reestruturação urbana que antecedeu a urbanização dos principais centros culturais brasileiros e proporcionou mudanças significativas no modo de vida da sociedade da borracha. Paris era o modelo a ser seguido na cultura e no modo de vida, refletindo as relações sociais da época que, cada vez mais, subordinava a cultura nativa ao conceito de primitiva e inferior.

Usufruindo de muitos recursos pelo suor nordestino, o seringalista enviava seus filhos para estudar na Europa, construía residências com colunas de mármore e azulejos portugueses, trazia companhias de teatro e mandava lavar suas roupas no Velho Mundo.

Belém ganhava o esplendoroso Teatro da Paz e os palacetes famosos: Bolonha e Pinho, as belas praças e a primeira linha de bonde. Sua irmã Amazônida, Manaus, ganhava o Teatro Amazonas e as réplicas das principais edificações inglesas e outros prédios com traços de arquitetura francesa, com destaque ao Palácio Rio Negro, antiga sede do governo estadual. Todas essas mudanças eram para prover o gosto do seringalista e sua família, que buscavam viver nos trópicos os ares europeus. As cidades do interior preocupavam-se em imitar as capitais nos palacetes e no modo de vida. As duas principais capitais da Amazônia, Manaus e Belém, serviam como entreposto comercial para as empresas de comércio exterior da borracha e civilizavam-se ao modelo europeu.

Dado aos fatos era uma época de contradição, pois os primeiros relatos da colonização foram um casamento quase perfeito entre história e literatura, o ciclo da borracha foi o divórcio, visto que na ânsia de copiar o modelo do colonizador, produzia-se uma literatura sem vida, vazia, e de linguagem adornadas, e de extrema preocupação com a forma, afim apenas de constar nos saraus, chás e cafés da plateia da época. A vida cultural e literária da província apresentava-se sem qualquer interesse pelo presente e ecoava o vazio cultural das cidades vítimas da burguesia internacional.

Há momentos brilhantes, como na obra de maranhão Sobrinho, ou uma certa sensibilidade como em Thaumaturgo Vaz e Jonas Silva. Mas todos estão irremediavelmente empoeirados e sem qualquer interesse para o presente. empregavam uma absurda água-forte, ou os tons mais cintilantes de uma literatura que somente funcionava na mediada em que ecoava no vazio cultural da cidade de Far-West. (SOUSA2, 2010, p. 117-118).

Embora o gosto pelas artes fosse interesse importado, nos bastidores da economia da borracha havia intensa produção literária de artistas locais e apreciadores da região que produziram obras que abordam a realidade sofrida do seringueiro e a relação injusta e criminosa organização, como afirma Cunha (1999).

Por volta de 1905, Euclides da Cunha clama em favor dos seringueiros pela urgência de medidas que salvem a sociedade obscura e abandonada: uma lei do trabalho que nobilite o esforço do homem; uma justiça austera que cerceie os desmandos dos coronéis. Souza (2010) diz que nunca na história da Amazônia se produziu tanto sobre ela como no período da borracha, porém era uma literatura apartada do gosto literário da aristocracia.

A produção literária era mistura de aspectos culturais e econômicos que se transformaram em ficção. Desta forma, o texto literário passa a dar voz aos conflitos reais vividos em uma Amazônia de extremos contrastes sociais. As obras que dão voz aos sujeitos que viviam na selva rompem com a ideia da Belle Époque e mostram para o mundo que havia uma Amazônia oculta pela extrema exaltação do modelo europeu.

Nessa exaltação do modelo literário europeu, pode-se afirmar que a cultura cabocla seria estigmatizada para sempre em sua origem, cabendo a ela o conceito de primária e superficial, sucumbindo à categoria de folclore.

Culturalmente o ciclo da borracha funcionou também no sentido de imposição dos signos com repercussão fortemente ideologizante, reforçando o sentimento de inferioridade cultural do nativo face à cultura “de fora” e a dependência de modelos e as influências culturais europeias. Concentrando suas atividades culturais na cidade, esse fantástico ciclo representou a pressão urbana sobre o imaginário social das grandes capitais como Belém e Manaus, repercutindo, além disso, nas pequenas cidades e nas comunidades ribeirinhas (LOUREIRO, 1995, p.71).

As produções literárias ao modelo da Belle Époque estavam nas mãos de profissionais liberais, graduados em direito e medicina e seus versos em nada lembravam as dores e dissabores vividos naquela sociedade. A produção disseminava um vazio cultural e não tinha a pretensão de estabelecer criticamente a sociedade burguesa. Nas palavras de Souza (2010), a literatura dessa época mais parecia um aglomerado de palavras medíocres reunida, uma dissimulação da arte destinada ao público que acreditava na necessidade de uma futilidade.

Tal atitude da sociedade da borracha categorizava a arte como atividade da ociosidade, que não podia ultrapassar os limites da boa conduta e etiqueta. Era uma literatura desquitada da vida real, indiferente. A expressão literária era minunciosamente planejada e encenada aos moldes internacionais. De certo, o prazer artístico aristocrático produzido pelas cifras adquiridas com o látex era sórdido, vazio, irreal, o prazer consistia apenas numa imitação europeia.

Durante o ciclo da borracha alguns periódicos eram financiados pelo poder econômico do seringalista. A dependência financeira dos jornais implicava quase sempre na dependência ideológica, ou seja, parte do que era publicado estava relacionado com os interesses dos coronéis de barranco e das administrações de cada departamento (MENDES, 2006, p. 105).

Porém, surge dos bastidores dos seringais uma prosa realista autobiográfica pelas mãos de Ferreira de Castro (1898-1974), que foi primeiras produções que se preocupou em dar voz para a Amazônia silenciada, cujo autor buscava realizar uma contundente crítica à forma desumana com que a sociedade da época tratava os trabalhadores da borracha. O romance “A Selva” relata a saga de um seringueiro que via no trabalho desenvolvido o apagamento e a morte de toda sua esperança de uma vida digna em solo amazônico. O romance fez ecoar de forma internacional os conflitos vividos neste território, mostrando a Amazônia real para o mundo, denunciando outro lado da face da ostentação. Nesta prosa, caracterizada pelo realismo:

O homem não é uma figura retórica em sua narrativa. O homem é o seringueiro, o explorado, e a prosa amazônica torna-se insolente, denunciadora. A falsa sublimidade da literatura oficial sofre um abalo, a linguagem literária, em Ferreira Castro, torna-se grave, contundente. Finalmente, a Amazônia merece um escritor que claramente revele as circunstâncias vitais em que o homem se encontra prisioneiro de uma aberração (SOUSA, 2010, p. 139).

Nesta obra, o autor se preocupou em descrever como realmente a população da Amazônia enfrentava a economia baseada na extração do látex. Ferreira Castro cumpre um papel, utilizando a literatura como forma de denunciar a realidade.

Estes e outros fatos históricos contribuíram para a formação de uma literatura heterogênea que temos hoje, pois, diante de tantos influenciadores da cultura, é impossível afirmar que a Amazônia possua um modelo homogêneo de produção literária. O que é digno de destaque é o fato de que as narrativas produzidas acerca

desse território sempre possuíram um tempero original, que é o imaginário. Fato que aparece nas narrativas amazônicas, independente da época de sua produção, pois a cultura amazônica apesar de ser composta de rica miscigenação, possuem campos do saber que ainda permanecem imaculados e que emergem frequentemente no literário a partir da relação do homem com a natureza.

### 1.3 O Fantástico e o Maravilhoso no olhar do europeu

Pensar a relação do ser humano com a natureza em outro espaço do mundo é diferente de caracterizar essa relação no espaço amazônico. O vislumbre do processo no qual se estabeleceu tal relação é um mosaico de culturas que se entrelaçou ao modo de vida na floresta.

As narrativas de literatura Brasileira de expressão Amazônica são permeadas de mistérios escondidos na selva, que receberam ao longo dos séculos uma importante contribuição do colonizador que expressou de maneira singular suas aspirações sobre a Amazônia.

Observa-se, na cultura amazônica, o resultado de uma atitude de admiração do homem diante da natureza magnífica em torno. A presença do homem diante de algo que ele sente como elevado e superior. Suas interpretações da natureza têm caráter de elevação, de criação de um mundo sensível no plano teogônico e mais perfeito, de investimento de mitologias que acentuam o sentido da função estética que, por seu turno, é também uma forma de elevação (LOUREIRO, 1995, p.199).

Loureiro nos chama atenção e revela, em sua expressão criativa, deslumbramento diante da soberania da floresta e do contato com o desconhecido. Deste encontro com o injustificável é que surge a presença do fantástico e do maravilhoso como forma de expressar aquilo que aos olhos humanos era inconcebível.

Para entender a presença do fantástico e do maravilhoso nas narrativas da Amazônia, é preciso observá-las além dos elementos universais. A natureza e suas peculiaridades servem como justificativa, sendo necessário justificar aquilo que é injustificável.

À luz da ciência literária, o *maravilhoso* e o *fantástico* se realizam diante de fatos que não se consegue explicar de maneira racional, onde não se apresentam

evidências de que o que se observa é verdadeiro ou ilusão. Os fenômenos podem ser explicados de maneira natural ou sobrenatural, nessa possibilidade do fenômeno não se enquadrar nos dois aspectos é que se define com a presença do *fantástico*.

Num mundo que é exatamente nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis desse mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão de sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós (TODOROV, 1975. p. 30).

Para Todorov (1975), um evento fantástico só ocorre quando há uma dúvida se esse fato é real, explicado pela lógica, ou sobrenatural, sendo explicado por leis que no plano real se desconhece. O fantástico mantém uma atitude de dúvida diante das manifestações sobrenaturais. Neste caso, as narrativas fantásticas são elaboradas pelo imaginário, por uma dimensão supostamente inexistente na realidade convencional.

Em se tratando do *maravilhoso*, ocorre dentro de uma visão em que o sobrenatural está inserido em um universo em que “tudo” é possível. Os acontecimentos não fazem parte do natural da humanidade, mas é possível na narrativa, como nos afirma ainda Todorov (1975) que *O Maravilhoso* corresponde a um fenômeno desconhecido, jamais visto, estranho, em compreensão, ao inexplicável e reduzido a fenômenos que, dentro da narrativa, tornam-se completamente aceitáveis.

No viés de tais características, justifica-se a presença destes elementos descritos nas narrativas da Amazônia. Diante da imensidão da floresta com suas próprias leis em face aos fenômenos como: a piracema, cheia e vazante e a imensidão de rios desconhecidos, o colonizador apoiou na Idade Média as justificativas para fatos que lhe roubavam a razão. Frente ao medo e os desafios, o europeu encontrou na recriação de mitos gregos uma possível justificativa para os fenômenos naturais e sociais que ele não podia explicar. O imaginário do explorador incorporou-se às narrativas orais que se desenvolveram com o tempo e constituíram uma realidade mitológica que expressa sua visão de mundo, fato este que se constitui de elementos

importantes e expressivos da cultura do povo da Amazônia, sendo denominado, como afirma Paes Loureiro. Conjunto de símbolos.

A cultura de um povo é fonte inesgotável de inspiração, de símbolos, de experiência, de trabalho acumulado de beleza, utopia e “a preservação da memória coletiva por um grupo ainda que seja pequeno é uma verdadeira tabua de salvação para toda a comunidade”. São reflexos do poeta e ensaísta Octavio Paz, ao estudar a poesia deste fim de século. E ainda mais: “Por cima de cada cultura, também por baixo, há ideias, crenças e costumes, que são comuns a todos os membros da sociedade. É o fundo – espiritual, mental, afetivo – de cada povo; e dessa maneira é o fundamento das artes, especialmente da poesia (LOUREIRO, 1995, p. 77 – 78).

Amazônia era, e ainda é vista pelo olhar do estrangeiro, como algo fabuloso e fantástico, em que a natureza se apresenta como desafio e encantamento ao mesmo tempo. É um espaço que, aos olhos de quem nunca esteve aqui, surge como exótico, surreal ou avassalador. Tais características muitas vezes acabam criando uma visão equivocada, diferente da visão dos que aqui habitam, conhecem e vivenciam esse espaço. Embora as primeiras narrativas e a concepção de fantástico e *maravilhoso*, na Amazônia, tenham sido construídas sob a ótica do colonizador, é evidente que a cultura de seus primeiros habitantes é a que se destaca. Para o povo nativo, o imaginário amazônico nasce da contemplação, em que ele recria o objeto contemplado, justificando existência de acordo com a sua capacidade imaginativa, encontrando ao redor respostas que lhe convencem de sua verdade idealizada. “A contemplação é um estado de existência, o início e o final da vida cotidiana diferente da contemplação de caráter teológico ou mística” (LOUREIRO, 1995, p.195).

A região Amazônica é considerada um mito que ainda não foi conhecido por completo. Se, em face dos tempos atuais, este conceito ainda prevalece, presume-se que, no olhar dos primeiros conquistadores, a visão era totalmente extraordinária.

O colonizador quando atravessou o oceano trazia consigo uma mente fértil, em vista às mudanças de concepções de mundo na Idade Média e encontrou nas dificuldades da floresta a chave de acesso para a associação desses mitos que, na Amazônia, podem ser classificados de acordo com as suas características. Iaras, botos, curupiras, boiunas, constituem diferentes categorias de mitos que possuem sua gênese sedimentadas tanto na ótica do colonizador como na contemplação do nativo, formando “uma ponte entre dois mundos opostos, dispares, inconciliáveis”.

(LOUREIRO, 1995, p173)

Assim, pode-se dizer que, quanto mais se explora e se descobre as fantásticas e misteriosas histórias amazônicas, mais surpreendentes tornam. As Lendas como a da cobra grande, da vitória-régia, do guaraná, do boto, a origem da mandioca, a origem do rio Amazonas, entre outros, são mitos que juntos compõem o cognitivo de conhecimento do homem amazônico, que se formou pela mistura e associação de diferentes culturas. O conhecimento de narrativas da Amazônia e a reflexão sobre a origem de cada personagem mitológico tem um grande papel a desempenhar na sala de aula. “Baseados então nessa relação pedagógica, é que deveríamos enquanto professores estabelecer um processo educativo que pudesse proporcionar aos alunos, a potencialização do seu saber e que eles viessem a ter a visão crítica da realidade” (SOUZA1, 2009 p.23).

O imaginário fértil dos exploradores combinado com a cultura dos que já habitavam a Amazônia, e outros que chegaram com os processos exploratórios compuseram uma cultura que se evidencia não apenas na literatura escrita, mas, principalmente, na literatura oral através dos mitos, lendas e símbolos impregnados na identidade cultural amazônica. É uma cultura que não se apresenta de uma forma única, objetiva, mas permite diferentes olhares como bem salienta Loureiro:

Analisando a cultura amazônica na busca de encontrar o dominante que a mobiliza, depara-se com um verdadeiro universo povoado de seres, signos, fatos, atitudes que podem indicar múltiplas possibilidades de análise e interpretação. Trata-se de um mundo de pescadores, indígenas, extratores consumidos em longas e pacientes jornadas de trabalho; de uma geografia de léguas de solidão e dispersão entre as casas e as pequenas cidades; de um viver contemplativo em que predominam a linguagem e a expressão devaneante, como se seus habitantes caminhassem entre o eterno e o cotidiano (LOUREIRO, 1995, p. 68).

Há, pois um mundo híbrido, personificado em uma literatura heterogênea, que aqui se produz. Uma literatura em que o profano e sagrado dividem o mesmo espaço numa relação paradoxal, onde a crença e descrença compõe o enredo de narrativas em que é comum aparecerem seres e situações diversas, que extrapolam o conhecimento humano. Fortemente marcada pela tradição, esta literatura traz em seu *corpus* narrativas recheadas do sobrenatural, do maravilhoso, e da surpreendente metamorfose. Como toda literatura, a arte literária, que se constitui em solo amazônico, é também fruto de um fenômeno histórico e social que mantém em sua essência as características do seu processo de colonização e formação cultural.

Embora constitua da presença de símbolos recorrentes em outras culturas, o imaginário amazônico ressignifica e cria também sua base semântica numa mistura de culturas estrangeiras com a cultura amazônica. O olhar colonizador também constituiu elemento de extrema importância, que contribuiu significativamente para a construção da Literatura Brasileira de Expressão Amazônica.

## CAPÍTULO 2

### DO LITERÁRIO PARA A LITERARIEDADE DAS NARRATIVAS DA AMAZÔNIA

O pensamento social desenvolvido ao longo do período de colonização da Amazônia recebeu contribuição de autores que, além do zelo com a descrição da natureza, da produção extrativista e da multiplicidade dos povos entre outros aspectos, contribuíram para construção da produção propriamente artístico-literária<sup>5</sup>, única, que encanta e seduz o seu leitor, porém cabe ressaltar que o deleite sobre essas obras está centrado nas mãos de poucos intelectuais. Este conhecimento precisa ser democratizado nas mãos de leitores em formação e disseminado no espaço escolar afim dos educandos compreenderem, através da arte literária, a formação do espaço social e a visão de mundo sob qual foi desenvolvida a literatura da região.

A literatura denominada Literatura Brasileira de Expressão Amazônica apresenta várias fases, as quais segundo Tupiassu (2016) estão sempre um passo atrás dos movimentos artísticos de outros espaços regionais. De acordo com o pensamento da autora, não há uma corrente artística literária definida na região, o autor é que se destaca, dado suas características de produção.

O que se produz literariamente na Amazônia dificilmente foge dos referenciais que marcam a identidade cultural, portanto, os rios e a floresta compõem o enredo de diferentes obras de maneira significativa, bem como o relacionamento do indígena e do ribeirinho, ou seja, os textos artísticos literários perpassam pela grandeza da região e refletem o impacto sobre ela. Tais componentes são constantes desde o período da colonização até os dias atuais.

Na concepção de Amarílis Tupiassu (2016), o acervo literário da região nasce da alcunha de regional, histórica e pode disseminar um tom de crítica e desejo de superação de conflitos sociais, assim sendo, do ponto de vista estético, o conjunto assim formulado peca por limitar-se a uma concepção artística trivial, automática. Por outro lado, essa característica singular da literatura artística da Amazônia exige do

---

<sup>5</sup> É o termo utilizado para representar a escrita artística com função estética em verso ou prosa dentro de um estilo próprio do autor.

leitor uma reflexão do tempo e do espaço em que se deu aquela expressão, fato este que acaba de alguma forma contribuindo com a função humanizadora, que é o papel da literatura, segundo o que nos diz Antônio Cândido:

Cada sociedade cria suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles. Por isso é que em nossa sociedade a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entretanto nos currículos sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma, nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes (CANDIDO, 2011 p.177).

Desta forma, a literatura tende a revelar as experiências humanas, tornando necessário seu conhecimento, sendo ela de qualquer expressão.

É considerável destacar que o descritismo predominante na Literatura Brasileira de Expressão Amazônica é resultado de sua gênese que é associado a sentimentalidade. Dentro destas linhas temáticas, muitos autores rompem a barreira do isolamento e se destacam, sendo eles amazônicas ou não, brindando o leitor com obras que conclamam a fruição. Merecendo, assim, lugar no cânone literário, dado as sensações e experiências humanas que proporcionam.

De acordo com Peregrino JÚNIOR (1969), a literatura da Amazônia possui quatro fases que ele nomeia de surtos literários, para cada uma delas, o autor ressalta na composição das obras as características dos ciclos exploratórios, e a postura do caboclo da região frente esses diferentes processos de ocupação e desenvolvimento. Pode-se considerar que o primeiro surto literário destaca características marcantes do naturalismo, que constitui um afluente do realismo, pois os autores preocupam em retratar a realidade amazônica, exaltando seus aspectos naturais, pessoas do lugar, bem como o modo de vida e seus costumes. Destacam-se, neste estilo, Inglês de Sousa (1853-1918) e José Veríssimo (1857-1916) que, para Peregrino Junior (1969), os dois autores constituem a maior expressão da literatura produzida na Amazônia. Segundo ele: “o aparecimento da literatura de índole regionalista na Amazônia foi

marcado, portanto, por dois grandes nomes: Inglês de Sousa e José Verissimo, por singular coincidência, ambos nascidos na mesma cidade:

Óbidos – a Terra Pauxi, de tão fortes tradições.” (JUNIOR, 1969, p.123).

A segunda fase de evolução dessa literatura tem influência direta de Euclides da Cunha (1866 -1909) e seu deslumbramento com a região. Nesta, temos também a considerável contribuição de Alberto Rangel (1899-1945) e seu *Inferno Verde*, uma obra que visa descrever a região e os desafios para enfrentá-la.

O próximo surto literário traz a figura de Raimundo Morais (1872-1941) e Alfredo Ladislau (1908 – 1934), constitui espécie de movimento contrário a produção literária<sup>6</sup> daqueles que não são propriamente filhos dessa terra, ou seja, uma crítica a forma como a Amazônia é ressaltada nas obras de Euclides da Cunha por exemplo. Na opinião dos dois e outros bairristas<sup>7</sup>, para retratar a Amazônia em prosa e verso era preciso muito mais que compreendê-la, era necessário pertencer a esse espaço geográfico.

A última fase descrita por Peregrino Junior pode ser considerada notadamente modernista, onde o social e o humano ocorrem paralelamente na produção literária e destaca contraposição a ênfase que era dado a outros aspectos naturais da região. Nesta fase modernista, há contribuições de Abgvar Bastos (1901 – 1995), Dalcídio Jurandi (1909 -1979), Raul Bopp (1898 -1984) e Peregrino Junior (1898 – 1983), porém, é considerável destacar que muitos outros autores também souberam expressar literariamente a Amazônia e merecem destaque, pois suas obras compõe um conjunto de ideias e valores que refletem a visão ideológica dominante em cada época. Não podemos esquecer que a LBEA continua em constante evolução e que em faces atuais autores consagrados se destacam na produção literária que tem este espaço com tema central de suas obras.

Os limites deste trabalho não nos permitem elencar todos os autores e obras artísticos literários que têm a Amazônia como tema central, por este motivo escolheu-

---

<sup>6</sup> A palavra literário é aqui utilizada em seu sentido literal ou seja, termo que vem do latim “ littera” ou “letra”. No seu sentido primário, portanto, texto literário é o que se manifesta por uma atividade escrita.

<sup>7</sup> Que ou que mostra limitações de interesses, dinâmicas ou atividades além de um âmbito reduzido e não permite que os outros emitam opinião sem conhecer o referido espaço.

se os que se reputam como significativos para a construção do valor artístico literário produzido na região. Embora os autores tenham sido citados por fase literária, preferiu-se abordá-los em duas categorias, sendo elas, os filhos da terra, nascidos na Amazônia e sua visão sobre ela; seguido dos que aprenderam a observá-la e conseguiram retratá-las em suas obras.

## **2.1 Os filhos da terra**

A linguagem literária amazônica sofre modificações significativas em torno de 1750, época em que se inicia o segundo período colonial, as narrativas se distanciam do relato de experiência para ancorar na linguagem artístico literária, tornando-se uma reflexão sobre a colisão entre as culturas e a natureza.

O relato foi durante a primeira fase do período colonial a categoria fundamental da maneira de expressar literariamente a região – a um tempo, documento e relação -, dissocia-se numa forma que é ainda documento, mas indiretamente por meio da poesia, e diretamente por meio de inventário. Enfim, é a necessária racionalidade que requer da velha similitude o papel de revelar e ordenar a Amazônia (SOUZA2, 2010, p. 71).

Deste modo, a linguagem literária da região encontra-se, no segundo período da colonização, em estado de modificação. Frente a tais mudanças, muitos autores começaram a se destacar. Retrataremos alguns deles, iniciando por aqueles que cujo natalício se deu neste território.

Considerando o primeiro artista da Amazônia, Bento Figueiredo Tenreiro Aranha (1769 – 1811), nasceu em Barcelos, cidade do atual estado do Amazonas, órfão, teve o amparo de seu padrinho, que lhe apoiou na conclusão de seus estudos. Tenreiro Aranha não teve recursos para estudar na Europa, como fizeram os outros intelectuais de sua época, sua base intelectual foi consolidada pela leitura de obras clássicas, dado a sua formação em escola de padres. Souza (2010) nos diz que seu talento maior era como dramaturgo, mas deixou essa característica de lado para dedicar a poesia, que retrata festejos paroquiais e obras próximas da verdade social da região. Porém, dentro dos limites literários que a época exigia. Nascido na colônia e criado por colonizadores, era filho da terra, essa dualidade marcaria sua produção literária, pois, estando a serviço do colonizador como funcionário público, não estava inerente aos problemas de sua terra, fato que marca a sua produção poética.

A frustração de Tenreiro Aranha salvou sua poesia da mortífera repressão provinciana; ao se entregar a esse *mea culpa*, e aos festejos, ele ultrapassou a linguagem de burocrata antes que essa o amordaçasse, fazendo desse embate um gênero único e sentido definitivo que vamos encontrar em outros poetas posteriores. Toda a frustrante condição provinciana já estava visível como um rasgo, nessa tentativa surda de encontrar uma saída que não despertasse suspeitas. (ibidem, p. 85)

Seus poemas evidenciam tendência arcadista tardia à época com o uso de citações clássicas. Tanto na produção de dramas quanto na poesia, seus escritos refletiam a natureza insatisfeita, conturbada. Neles têm-se uma sutil crítica estabelecida como golpe de misericórdia contra o colonialismo português.

O poeta escondido por trás da aparência burocrata via os detalhes da empresa colonizadora, e seus pensamentos sobre fato, escapavam sutilmente em sua produção literária, essa característica é uma forma de defesa para que esse não sofresse represália pelos seus relatos.

É considerável evidenciar que sua obra só foi publicada somente 39 anos após sua morte, e que muitas delas se perderam com o tempo. Seu filho foi o divulgador da sua produção literária, publicadas em 1850 e 1899, no qual podemos encontrar dramas cantadas; sonetos. O reconhecimento de Bento Tenreiro Aranha como escritor dessa expressão literária é tardio. Entre as obras de destaque, temos no drama “A felicidade no Brasil”, que ressalta a necessidade da independência da colônia. Marcada por metáforas contraditórias.

Destaca-se também a poesia “Ode à Manuel da Gama Lobo d’ Almada” é uma produção que retratava a esperança pela sua vinda do administrador Lobo d’ Almada ao norte do Brasil, a ode é uma abordagem corajosa, onde o poeta desfrutou e usou a força da poesia para libertar as insatisfações com a sociedade da época e refletir sua profunda admiração ao Lobo d’ Almada.

#### ODE(I)

Em quanto a baixa adulação, sem pejo  
 Contrafazendo o rosto macilento, Com vãos  
 ornatos, com postiças cores, Em público se  
 mostra;  
 Em quanto oferece corrompido incenso Nas  
 aras da forçada dependencia, Com mão  
 venal e torpes simulacros, Que vê que  
 estão presentes;

Em quanto ao vicio prostitue seu canto O  
 Vate indigno do sagrado Pindo, Sacrílego  
 turbando as puras agoas Da límpida  
 Hyppocréne,  
 Eu celebro a virtude, ao Gama louvo, Eila  
 só, ella he digna dos meus versos, Vamos  
 sinceros coroar de louros De hum digno  
 Héroe a fronte.  
 O' doce Muza, minha casta Muza, Hoje  
 que isenta das cruéis torturas, Que o  
 plectro teu as vezes tem forçado, Sonora e  
 livres cantas.( ARANHA,1850)

Outros filhos da terra que podemos destacar são os obidenses Inglês de Sousa (1853-1918) e José Veríssimo (1857-1916), ambos retrataram a Amazônia em verso e prosa de maneira peculiar e detalhista, seus enredos não fogem do que é evidente nessa expressão literária como a paisagem, as relações sociais e, principalmente, as dores humanas.

Inglês de Sousa destaca-se por inúmeras obras publicadas, a primeira delas, “O cacaulista”, 1876, seguida de “Histórias de um pescador”, 1877, “O Coronel Sangrado”, 1891, e a mais popular entre os amantes das letras, “Contos Amazônicos”, 1893.

O autor realista naturalista ocupou em descrever as nuances deste lugar excepcional que, segundo Amarílis TUPIASSU (2016), como todo autor realista, peca pelo excesso de descrição tornando o discurso banal, pois, são descrições de eventos cotidianos comuns em qualquer sociedade.

TUPIASSU (2016) ressalta ainda que no romance “O cacaulista” o autor expressa dificuldade de romper com os princípios estéticos do Romantismo, fato notório na mudança de índole da personagem central da história. Amarílis compartilha das ideias de Peregrino (JUNIOR, 1969) que ressalta:

A arte de inglês de Sousa é simples, o estilo pobre, a fatura despreziosa. O excesso naturalista de minúcias torna-o cansativo e enfadonho. Homem de observação e de análise, só quando se liberta um pouco das regras rígidas do naturalismo, esquecendo as leis da hereditariedade e do meio, é que se torna mais interessante, dando-nos quadros palpitantes e exatos da vida social e humana das pequenas cidades do interior do Pará ( PEREGRINO JUNIOR, 1969, p. 125).

Em Contos Amazônicos (1893), Inglês de Sousa imprimiu sua escrita realista social com uma leve lembrança do romantismo, mas estes não são os elementos que

mais destacam nessa obra, visto que já estão presentes nos demais, o que vale notadamente, é o fato do escritor fazer uso do fantástico, característica do imaginário amazônico presente em quatro de seus contos; *A feiticeira Acauã*, *O gado do valame Deus* e *O baile do Judeu*. Quatro contos citados que fogem do plano da racionalidade para saltar em território fantástico, numa espécie de inclusão do mistério em um ambiente de vida real, desconsiderando as leis naturais dos acontecimentos, evidenciando o fator metamorfofísico deste imaginário amazônico, conforme podemos observar na seguinte passagem do conto *Acauã*:

Então convulsões terríveis se apoderaram do corpo de Aninha. Retorcia-se como se fora de borracha. O seio agitava-se dolorosamente. Os dentes rangiam em fúria. Arrancava com as mãos os lindos cabelos. Os pés batiam no soalho. Os olhos reviravam-se nas orbitas, escondendo a pupila. Toda ela se maltratava, rolando como uma frenética, uivando dolorosamente. [...] de repente, a moça pareceu sossegar um pouco, mas não foi senão o princípio de uma nova crise. Inteiriçou-se. Ficou imóvel. Encolheu depois os braços, dobrou-os a modo de asas de pássaro, bateu-os por vezes nas ilhargas e entreabrindo a boca, deixou sair um longo grito que nada tinha de humano, um grito que ecoou lugubrememente pela igreja:  
- Acauã!  
- Jesus! Bradaram todos de joelhos (SOUSA2, 2010, p. 70).

Dada a essa característica, o escritor evidencia-se como um autêntico revelador da Amazônia como espaço geográfico e convivência social que, a partir destes fatos, criou obras consideradas joias literárias que merecem ser conhecida por todos que desejam saber um pouco mais sobre a LBEA.

José Veríssimo Dias de Matos bebeu da mesma água barrenta do Amazonas que seu conterrâneo Inglês de Sousa. Semelhante ao amigo, também publicou suas obras no Rio de Janeiro. Em 1878 lançou o “Quadros Paraenses”, seguido de “Viagem ao sertão” e “Cenas da vida Amazônica”, 1888, esta última é um legado de costumes, tradições, paisagens, linguagem, tipos físicos e tudo que há de peculiar que faz da Amazônia esse espaço único. Conforme se observa em:

Nesta época a carnaubeira perde as folhas e cobre-se literalmente de folhas amarelas, avivando o tom neutro dos campos pelos quais se multiplica fartamente. No chão cresce, que se não alastra, em pequenas toças compactas e amiudadas, pelo meio do qual avolumam as “casas” negras e uniformes que o capim se fábrica de terra e que olhadas de longe, assemelham-se ora a pedras, ora a escuros troncos de árvores.’ (VERISSIMO, 2011, p. 155)

Nesta passagem, há uma descrição da paisagem revelada como uma forma detalhada que leva o leitor a imaginar o cenário. Veríssimo destacou, primeiramente, como crítico literário devido suas análises assertivas segundo descreve Tupiassu:

Sua crítica é marcada pela impessoalidade concentrada na avaliação do elemento estético, na interrogação do que hoje se designa como literariedade, ou os valores que demarcam o belo, o gozo que o texto bem urdido produz no leitor, dado à movimentação dos atuante que convençam, porque bem talhados e bem encaixados vista a dimensão em que são postos a 'viver' a ação a que são atados na trama, no enredo. Essas e demais qualidades suscitam a fruição, o deleite e a volúpia estética. (TUPIASSU, 2016, p. 50)

Como escritor, sua narrativa tem o compromisso de fazer o sujeito-leitor compreender a Amazônia em sua cultura. É importante destacar que seu talento fez braço direito de Machado de Assis na fundação da Academia Brasileira de Letras. Embora excelente escritor e crítico literário de talento considerável, José Veríssimo, assim como outros escritores que se preocuparam em descrever a Amazônia em sua produção literária, permanecem submersos no rio de esquecimento.

Dalcídio Jurandir (1909 -1979) é mais um filho da terra que se destaca na LBEA. O autor iniciou sua carreira ainda muito jovem, em 1941, com o romance "*Chove nos campos de Cachoeira*", que foi produzido em homenagem ao pequeno vilarejo onde passou sua infância. Nascido em Ponta de Pedras (PA), mudou-se ainda pequeno para a pequena vila de Cachoeiras, a obra conduz o leitor a fazer um pequeno passeio nesta vila.

Cumprindo o seu ofício de retratar a terra, em 1947 publica o seu segundo, Romance "*Marajó*" que, em meio a outros temas, caracteriza a prática de extração de madeira da região e sua preocupação com esta atividade, bem como os costumes das grandes fazendas da ilha. Conforme observamos em:

"Tomou a direção da mata, teria de caminhar hora e meia, mais ou menos. Seu pai e os manos estavam realmente longe. Como queria a canoa o mais cedo possível, Coronel pediu que trabalhassem naquele domingo. Teriam que cortar a árvore, arrastar a madeira para a vila pelo igarapé. Mais forte, como nunca, o cheiro das árvores, de chão queimado, resinas e raízes esmagadas, água estagnada e frutos brabos que apodreciam. Sua maternidade se fundia com a da natureza, comunicavam - se com os cheiros, os desejos, a moleza e o torpor que havia na mulher e na terra. (JURANDIR, 1992, p. 269)

Dalcídio foi merecedor dos prêmios Dom Casmurro (1940), Machado de Assis (1972) e Academia Brasileira de Letras. Teve uma vida política movimentada como militante da Aliança Libertadora Nacional. Suas obras foram traduzidas em russo e outras línguas. Um fato interessante é que tinha o apadrinhamento literário de Jorge Amado. Nas palavras de Tupiassu (2016), sua principal característica como Romancista é a construção interior de seus personagens, individualizando os conflitos e destacando as mudanças psicológicas. O escritor possui um total de 11 romances com rica diversidade em linguagem utilizada pelos caboclos da região. Nas observações de Salles (1978), não há como falar de literatura na Amazônia sem citar as obras de Dalcídio, pois é uma das poucas produções deste contexto que destaca no enredo a presença do negro por essa região. Pelo conjunto de sua obra, Dalcídio recebeu e ainda recebe diversas homenagens póstumas. Ele é uma marca de destaque na composição da LBEA, pois soube precisar com maestria a rotina do extremo norte brasileiro, sem exagerar em sua intencionalidade.

Raimundo Morais nasceu em Belém (PA), em 1875, e ali veio a falecer em 1941. Labutou por 30 anos na profissão de prático em 'gaiolas', uma espécie de embarcação da época. É considerado um autodidata, pois não se aprofundou nos estudos formais. Raimundo Morais teve em seu favor não só o fato de ser natural da Amazônia, onde viveu toda a sua vida, mas também a larga experiência vivenciada na imensa hidrografia da região. Conseguiu expressar esse conhecimento, de maneira clara, em seus escritos. Suas concepções podem ser entendidas, literariamente, situada entre o Realismo e o Pré-modernismo. Seu livro "Na Planície Amazônica", 1926, é notadamente o mais conhecido do autor. Premiada pela Academia Brasileira de Letras, este livro, chegou a ser adotado, na época, para uso nas escolas do Pará e do Amazonas. Composto por 26 pequenas narrativas sobre os mais variados aspectos da Amazônia, sendo eles: hidrografia, clima, flora, fauna, populações, entre outros, apresenta descrições pormenorizadas dos fenômenos naturais, sem fazer uso exagerado dos vocábulos regionalistas.

A Amazônia é um inigualável repositório de águas doces, vivas, cantantes, que saltam e deslizam, sob a luz crua do equador, desde as cachoeiras rugidoras nas escadas de pedra aos lagos serenos nas várzeas infindas. Com a bacia imensa retalhada de rios, recortada de angras, listada de furos, os paranás e os igapós se trançam, se ligam, se amontoam no mais complicado e bizarro aranhol fluvial do planeta. O quadro hidrográfico, extraordinário,

original, sobreleva certamente ao da própria terra que o envolve na molduragem recortada de serras e cordilheiras. Não admira, pois, que os primeiros navegantes estrangeiros, alheios ao surpreendente labirinto, depois de uma viagem, lhe confundissem as entradas. Os almirantes, exploradores, (MORAIS, 1926, p. 29).

O fato do autor não fazer uso exagerado do vocabulário regional é uma observação interessante quando comparamos seus escritos com os de outros autores de temas amazônicos, que, em linguagem popular, “usam e abusam” profundamente dos termos do vocábulo regional, denotando, assim, uma tentativa excessiva de marcar a região através de um único elemento, neste caso, a linguagem.

Não podemos deixar mencionar neste relato a contribuição de uma mulher para a construção dessa literatura. Eneida de Moraes (1904-1971) é a representante que escolhemos para expressar o rol de escritores nascidos na Terra.

A autora foi intensa em tudo em sua vida. Por toda sua obra, a escritora faz avaliações e reflexões metalinguísticas, questionando o leitor a respeito delas, mostrasse exigente e cautelosa na avaliação de sua literatura diversa, composta de dez títulos publicados. Eneida tornou-se especialista na elaboração de relatos curtos, produziu contos e crônicas nas quais destaca “*Sujinho da terra*,”. A obra de Eneida ganha solidez quando dedica ao minucioso estudo sobre o carnaval.

Mas nem só de saudosismo e carnaval viveu Eneida de Moraes. Sua vida também ficou marcada pela dor, pelo sofrimento, pelas prisões [...] Eneida queria uma sociedade mais justa, mais humana. As lutas por esse ideal são narradas pela autora de forma profunda e emocionante em ARUANDA (FARES, 1988, p. 19).

Eneida foi crítica de suas próprias obras. As mais conhecidas do público leitor são Aruanda e Banho de Cheiro. A escritora soube desenvolver e destacar em sua literatura as características de sua terra, o povo, suas crenças e costumes.

Perdoai se o nome dessas ervas parece, selvagens aos vossos ouvidos habituados aos caros, raros e belos perfumes, franceses, cujos rótulos lembram romances e poemas. Nossos aromas, primitivos, agrestes, são frutos da floresta e, com eles, naturalmente nossos avôs índios também se perfumavam; se não recendiam aquele odor é porque – sabeis- os índios têm cheiro de terra (MORAES, 1957, p. 42).

Suas crônicas são de grande valor literário, pois compõe um círculo de intertextualidade.

A LBEA continua em constante evolução. As expressões atuais nos brindam com autores com Milton Hatoum.

Milton Assi Hatoum (1952) é amazonense, descendente de libaneses, já vendeu mais de 200 mil exemplares. Seus romances são: “*Relato de um certo oriente*”, “*Dois irmãos*”. “*Cinzas do Norte*” e “*Órfãos do Eldorado*”. Traduzido em diferentes línguas, todos estes premiados no Brasil e no exterior.

Suas obras convidam o leitor a um leve caminhar pela floresta, seus narradores possuem a sutileza de verbalizar sobre o íntimo humano, onde há relatos trágicos, intrigando a psique de quem lê, pois os conduz a imaginar e desvendar segredos, em uma espécie de conversa e espontânea, destacando as características de cada uma de suas personagens. Como podemos comprovar em:

Agora o catraieiro remava lentamente, sempre no meio do igarapé, e Lavedam não se incomodou com mal - cheiro que vinha das latrinas espalhadas nas margens, nem respondeu aos acenos e assobios das crianças que surgiam nas portas e janelas das palafitas. Aquele homem alto e careca, muito magro, rosto rosado, o corpo meio desajeitado na canoa, provoca risos talvez galhofas. Ele tão pouco deu bola para isso: mirava a fotografia da casa e o rio que afunilava perto da ponte. Depois da curva do igarapé, avistamos o telhado vermelho sob o céu claro. No rosto de Lavedam surgiu um sorriso incompleto, talvez uma reação emotiva diante da casa que agora crescia com nitidez na parte mais elevada da ilha. (HATOUM, 2005 p. 326).

Além dos romances citados, o autor possui uma coletânea de contos, “A cidadeilhada” em que o mesmo mostra as mudanças que efetivaram para a composição de uma Manaus cosmopolita, evidenciando a visão dos estrangeiros e seu deslumbrando pela exuberância natural da região, fato recorrente em toda a sua história literária, porém, o autor dualiza a Manaus moderna e a Manaus decadente.

Nós nos encontramos no final daquela manhã ensolarada lá no Bosque da ciência, um dos raros recantos em que Manaus se concilia com a natureza. No Bosque os animais e peixes e plantas são conhecidos, e há sempre um cientista pronto para dissertar sobre pássaros, mariposas, orquídeas ou a arquitetura móvel dos cupins (idem, 2005, p. 325).

Por ser arquiteto de formação, muitos estudiosos referem a Hatoum com arquiteto da memória, justamente por contar as mudanças ocorridas em Manaus e em suas personagens no desenvolvimento de suas narrativas. Enfatiza-se que a cidade de Manaus é o pilar central de suas obras. Gilson PENALVA (2007) nos diz que

Hatoum apresenta ao leitor uma identidade cultural híbrida, mostrando, através da narrativa, que esse espaço não se encontra mais intacto e puro e sim como uma mistura singular de cultura, como ele enfatiza na afirmativa abaixo:

Já em Milton Hatoum as culturas estão em diálogo permanente, numa relação de justaposição. Culturas de imigrantes de várias nacionalidades, culturas amazônicas (ribeirinhos e índios) entrecruzam-se e formam conglomeradores de mesclas culturais que caracterizam as sociedades contemporâneas. Distante de qualquer sistema de identificação rígida, este autor manauara propõe pensarmos uma Amazônia híbrida, misturada e contextualizada num momento histórico de grandes transformações sociais, políticas e culturais (PENALVA&SCHNEIDER 2007, p.117).

Neste breve relato de sua produção literária, é preciso ressaltar os prêmios que foram fundamentais para a consolidação de seu trabalho artístico; “Relato de um certo Oriente”, “Dois irmãos” e “Cinza do Norte” foram premiados com o Jabuti de melhor romance, “Cinzas do Norte”, recebeu o prêmio Bravo e Telecom de literatura, 2006, e o maior deles: a grande aprovação do público leitor.

## **2.2 Os observadores e partícipes deste enredo**

Como mencionado inicialmente, diante do processo de ocupação emergia uma gama de escritores. Muitos não nasceram nessa região, mas aventuravam na missão de escrever, a partir dela, texto de natureza artístico literária. O primeiro deles é Henrique João Wilkens (1736/ 1800), que faz uma tentativa de produção artístico literária sobre a Amazônia. Trata-se de um marco considerável na literatura da região o poema épico que reflete a pacificação dos Índios Muhra. Embora ainda empobrecido do ponto vista literário, o poema constitui-se como primeira tentativa poética da região. Henrique João Wilkens, autor desses versos, era um militar a serviço da coroa portuguesa, que envolveu diretamente com os índios Muhra, oriundos das margens do rio Japurá. Marcio SOUZA (2010) o define como composto de um canto de glória e descrição genocida, é considerado medíocre literariamente pois continuou com a carga descritiva e com o compromisso colonizador da época, embora a colonização encontrasse bem consolidada. O épico descreve a derrota dos Muhara, que lutam bravamente contra a dominação europeia, destacando-se como valorosos e ainda:

Ao contrário do épico do início do mercantilismo, o épico camoniano possuía a ludicidade do infinito, já que Deus havia dado ordens infinitas, este épico

amazônico não consegue mais abarcar esse universo aventureiro e cheio de predestinação. A muhraiada é um texto mais direto, objetivamente contundente e despido. Era sempre possível, antes do novo mundo, descobrir coisas surpreendentes nos mares misteriosos. A poesia era uma epopeia com as marcas completas da predestinação impostas ao cristão desde o princípio dos tempos. Observando as palavras de João Wilkens, no damos conta da nova tensão. Entre o frondoso jorro de ornamentos e a glória portuguesa, reminiscência das dificuldades de uma terra difícil e para dissecar em busca de uma finalidade simbólica sobreposta ao visível (SOUZA2, 2010, p. 74).

O Poema Muhraida clama pelas almas esquecidas dos indígenas e descreve os propósitos da colonização, que toma o genocídio como necessidade para o êxito do colonizador. João Wilkens retira a poesia das águas da história para engolfá-la na literatura no seu sentido próprio. Muito embora por meio de um discurso colonizador que promete aos Mura, a libertação das almas, a partir da aceitação das condições coloniais, e das relações comerciais que poderiam se estabelecerem por meio do tratado de paz a ser firmado por aqueles gentios:

Tereis nos povos vossos numerosos  
Abundantes colheitas sazonadas,  
Vereis nos portos vossos vantajosos  
Comércios florescer, e procuradas  
Serão as armas vossas; poderosos  
Enfim sereis, amadas, invejadas  
Serão vossas venturas; finalmente  
Podereis felizes ser eternamente  
(WILKENS, 1993, p. 127)

Euclides da Cunha (1866-1909) é um exímio representante da LBEA. A obra euclidiana sobre a Amazônia compõe-se de dezessete trabalhos, entre artigos, estudos, ensaios e outros. Segundo ANTONIO FILHO (1995), antes de conhecer a Amazônia, Euclides da Cunha expressou em seu pensamento um objetivo de conhecimento geográfico. Fato que comprova na obra “Os Sertões”, quando descreve o clima amazônico e as condições de adaptabilidade do homem, o autor é visto como um intruso, um inadaptado, já afirmado anteriormente. Euclides da Cunha fazia parte do grupo de autores que procuraram compreender a Amazônia e descrevê-la em verso e prosa, mas é visto como fingidor. Podemos caracterizar sua produção em pré amazônica e pós amazônica, visto que ele produziu obras sobre a Amazônia antes e depois de conhecê-la.

Da fase 'pré-amazônica' temos: "Fronteira Sul do Amazonas. Questão de Limites". Este artigo faz um comentário do livro do mesmo título, de Manuel Tapajós, sobre a ocupação do interior do Vale do Amazonas e da epopeia da conquista e exploração daquele espaço. Foi o primeiro trabalho abordando um tema amazônico do escritor.

O território, descrito por Euclides da Cunha, refere-se não somente a Amazônia brasileira, mas também a faixa de terra que cabe hoje aos países vizinhos, fato que podemos comprovar no livro *Contrastes e Confrontos*. A obra revela estudo introdutório que deu o título ao livro, no qual Euclides da Cunha avalia as contradições da civilização peruana na orla do Pacífico; "Conflito Inevitável", faz advertência às autoridades brasileiras sobre o eminente perigo de um conflito armado entre o Brasil e o Peru, em decorrência das incursões peruanas sobre a Amazônia brasileira. A obra "Contra os Caucheiros" critica o envio de contingentes militares ao Alto Purus e Juruá, pelo governo brasileiro, para fazer frente a ameaça peruana. O autor descreve todo o processo histórico do rápido povoamento daquela área amazônica, particularmente nos últimos trinta anos, e conclui que:

É um erro. Não implica apenas o desfalecimento das nossas finanças, nem se limita a projetar, de golpe, um brilho perturbador de baionetas no meio de um debate diplomático; vai além: prejudica de antemão a campanha provável e torna desde já precária a defesa das circunscrições administrativa criadas pelo tratado de Petrópolis (CUNHA, 2011, p. 105).

A outra vertente amazônica corresponde aos seus escritos produzidos após ter conhecido a região. Entre dezembro de 1904 e dezembro de 1905, Euclides viveu na Amazônia, onde exerceu a função de delegado brasileiro da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus. É importante evidenciar que Euclides da Cunha, nesta oportunidade, realizou trabalho de imersão e conhecimento da cultura, costume e modo de vida dos povos amazônicos, apresentando, assim, evolução do seu pensamento sobre a região. Desta vez, o que escrevia sobre ela era realmente o que ele comprovava com sua experiência.

Representação da Amazônia - Euclides da Cunha busca entender o Brasil por meio de sua face primitiva, rustica, atrasada. Daí ter se concentrado no Nordeste e no Norte para identificar as causas da desigualdade existentes entre as regiões e populares do Brasil, enfatizando a ideia do país como constituído de realidades diversas e desiguais, com distintos estágios de

evolução, tanto da natureza quanto das formações socioculturais (PINTO, 2011, p.8).

Entre os escritos pós-amazônicos temos: “Os Trabalhos da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus”; “Entre os Seringais”, descreve a organização dos seringais do Purus e as deploráveis relações de trabalho a que estão submetidos os seringueiros; Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus, de 1904-1905. Um dos registros do autor que são mais conhecidos é o preâmbulo de ‘Inferno Verde’ (do livro de Alberto Rangel, publicado em 1907), tratasse de uma longa introdução que Euclides apresenta um quadro geral do conhecimento sobre a Amazônia, na época, como podemos observar na seguinte descrição:

É natural. A terra ainda é misteriosa. O seu espaço é como o espaço de Milton: esconde -se em si mesma. Anula-a a própria amplidão, a extinguir-se, decaindo por todos os lados, adstrita à fatalidade geométrica da curvatura terrestre, ou iludindo as vistas curiosas com o uniforme traçoeiro de seus espaços imutáveis. Para vê-la deve renunciar-se ao propósito de descortiná-la (ibidem, 2011, p.230).

Outra obra é “À Margem da História” (editado em 1909, este livro compõe-se de quatro partes). Somente a primeira parte diz respeito à Amazônia. Com o título de “Terra sem História (Amazônia)”, são eles: “Impressões Gerais”, uma longa introdução em que o autor tece considerações sobre a Amazônia que vivenciara por quase um ano; “Rios em abandono”, faz um amplo estudo sobre o rio Purus e suas potencialidades; “Um clima caluniado”, série de considerações sobre dificuldades de adaptação do homem na Amazônia. “Os caucheiros”, um amplo estudo crítico sobre sociedade extrativista surgida no sudoeste da Amazônia, abrangendo terras do Peru, Bolívia e do Brasil; “Judas-Asvero”, belo ensaio sobre o significado e o simbolismo do Sábado de Aleluia e da tradicional malhação do ‘judas’ entre os seringueiros do Alto Purus; “Brasileiros”, além de apresentar abordagem geopolítica das intenções peruanas sobre a Amazônia e a importância da ação de brasileiros na área de fronteira naquela região; “A Transacreana”, expõe ideias da necessidade e a importância da construção de uma via férrea, a Transacreana, unindo transversalmente os vales do Juruá, do Yaco e do Purus. Sem objeção, Euclides da Cunha consolidou o adjetivo de literatura regionalista, conceito que nasce com o modernismo. Suas obras enaltecem

o interesse do restante do Brasil pela Amazônia e, ainda hoje, configura-se como um importante registro geográfico e literário.

O autor Alberto do Rego Rangel nasceu no Recife (PE), em 1871, e faleceu em Friburgo (RJ), em 1945. Escritor e engenheiro, trabalhou por algum tempo na Amazônia e mais tarde foi para a Europa, onde realizou pesquisas sobre o passado histórico do Brasil, publicando inúmeros trabalhos sobre o assunto. Sua obra é o livro 'Inferno Verde', editado em 1907, composto de onze narrativas, apresenta um longo prefácio de Euclides da Cunha (citado acima). Rangel utiliza-se do vocabulário regional na nomeação da fauna e da flora e no uso de expressões cotidianas afim do leitor identificar elementos da natureza como em:

A placa d' aço rutilante significa o resto de água, que não pode escapar, forçada pelo desnível, a ficar para bebedouro e refúgio de garças, ananás, carões, arapapás e patos-bravos. Água prisioneira. Na raiva dessa situação parece filtrar um olhar de ódio, olhar de basilisco, a esclerótica lagoa. Vingasse o poço, gerando uma baixa vida de algas e micróbios venenosos. Quem nele chegar a abeberar-se, ajustará contas mais tarde com o baço e o fígado (RANGEL, 2008, p. 38).

As narrativas apresentam conteúdos independentes, ainda assim, a obra compõe uma unicidade centrada na valorização da nacionalidade. O caboclo amazônico é apresentado como primordial desta nacionalidade que, entretanto, dentro da perspectiva darwinista, onde o mais forte sobrevive do autor, será esmagado pelo avanço da civilização industrial, e pela sociedade dos 'brancos', notadamente superior e ambiciosa, reflexo notório do pensamento colonizador. (PEREGRINO JUNIOR, 1969) traz a seguinte reflexão sobre a obra: de que se constitui de um importante depoimento sobre a terra e sua gente. Nela encontra-se uma Amazônia cheia de mistério, a selva é descrita como poderosa e imponente. O autor afirma ainda que o Rangel possui um estilo inquieto e castigado refletido no seu realismo.

Um outro não nascido na região, que merece nossa atenção, é Gastão Luis Cruels, nasceu no Rio de Janeiro, em 1888, e aí veio a falecer em 1959. Escritor e médico, e autor de vários livros de contos e romances. Seu romance *A Amazônia Misteriosa*, publicado na década de 20, corresponde à fase em que o autor ainda não conhecia a Amazônia. Após conhecê-la, em 1928, numa expedição do general Rondon, veio a produzir alguns admiráveis trabalhos sobre a região. Mesmo tratando de uma obra de ficção, cujo autor desconhecia o cenário onde se desenrola o enredo, o livro, *A*

*Amazônia Misteriosa*, teve boa repercussão e sucessivas edições. Nele o autor descreve que:

Há de tudo entre a gente que nos rodeia: brancos, pretos, mulatos, mamelucos, cafuzos e caboclos, mas, com exceção do Kirton, mestiço barbadiano que veio dar a Manaus e há alguns anos serve o General, é tudo bem brasileiro, bem fruto da terra que lhes deu origem e não há um só que não demonstre hábitos e costumes genuinamente nacionais. (CRULS, 1973. p. 66).

Isso significa que um considerável número de leitores teve acesso à Amazônia através de uma visão do mundo embasada em valores, que não raro, contradizem a realidade, dado ao fato dele ainda desconhecer a realidade. O autor utiliza-se amplamente do vocabulário regionalista nas descrições da paisagem, da fauna e flora e no uso de expressões típicas da Amazônia. O enredo, na forma de um diário, tem início no dia-a-dia de uma expedição para algum lugar remoto do Alto Rio Negro, onde o protagonista, um médico, vai descrevendo sua aventura. O meio ambiente amazônico surge em quadros estereotipados, perfeitos, ideais, numa visão romântica e idealizada. A dramaticidade do enredo fica por conta do encontro com grupos indígenas ferozes e com as mitológicas amazonas, que vivem numa sociedade matriarcal, em algum lugar da selva, ainda desconhecido pela 'civilização branca'.

José Maria Ferreira de Castro nasceu em 1898, em Portugal, morreu no mesmo lugar em 1974, sendo considerado um dos maiores representantes da corrente realista na literatura portuguesa. Na Amazônia, fatos vividos e observados em uma sociedade marcada por diferentes ciclos se inspirou para produzir um dos seus mais famosos romances. Publicado em 1930, "A Selva" aproxima-se de um romance autobiográfico, já que o autor viveu na Amazônia, num seringal do rio Madeira, numa fase em que a economia borracheira já demonstrava sua decadência na região. O livro apresenta uma crítica à forma desumana como a 'sociedade seringueira' havia se implantado na Amazônia, há mais de um século e que, naquele momento econômico, tornava ainda mais dramática a existência de milhares de seres humanos que compunham aquele universo, dependente e quase que escravizador pelos senhores da borracha como a personagem deste enredo

Alberto pensava na sua conta, no que podia acontecer, no que não aconteceria jamais – fila de hipóteses tão interminável como aqueles troncos

de todos os tamanhos que o farol ia arrancando à negridão da selva. “Dez quilos por semana, trinta mil réis... Cento e vinte no fim do mês. Mas as despesas? As despesas (...) E o Inverno, em que não se fazia quase nada? Quantos anos, quantos, para pagar a conta, mesmo que tivesse sorte e saúde!” (CASTRO, 1960, p. 167-8)

Com a concorrência da borracha do Oriente, o látex da Amazônia deixou de ser um meio de fortunas, limitando-se agora aos sonhos e ambições. Desta forma, a vida miserável do seringueiro é relatada com toda a dramaticidade. Em sua obra:

Na sequência dessas palavras, Ferreira de Castro passa a demonstrar o esforço consciente por impor ao texto carga verossímil capaz de transmitir para *A selva* um tom real, em contraposição a outros inúmeros livros que se apossam da selva numa dimensão exótico-imaginário-aventuresco. Ferreira de Castro recusa-se à elaboração do ficcional que ele qualifica como inautêntico, a criação povoada por personagens sem carne e os ossos e o sangue da vida real (TUPIASSU, 2016, p. 221).

Contudo, é na exposição dos conflitos e contradições decorrentes das relações humanas, quando os sentimentos e as necessidades, os valores sociais e o poder interagem e a trama da história parece adquirir plena maturidade. A obra constitui-se de um inigualável retrato da realidade. Marcio SOUZA (2010) diz que Ferreira de Castro foi o primeiro autor a descrever criticamente a realidade amazônica, e que a falsa literatura que era recorrente nos salões da aristocracia sofre um profundo abalo, pois a LBEA passou a ter um encontro real com o público leitor.

João Peregrino da Rocha Fagundes Junior nasceu em Natal (RN), em 1898. Viveu em Belém e no Rio de Janeiro. Médico, jornalista e escritor, membro da Academia Brasileira de Letras, também contribuiu notadamente para a consolidação da Literatura Brasileira de Expressão Amazônica. “Sombra e luz na Amazônia”, constitui-se de uma obra admirável acerca desse espaço destacando fauna e flora, modos de vida e costumes, bem como, grande ênfase as características geográficas do lugar como podemos comprovar na passagem abaixo.

Do outro lado lá para trás da serra de Sant’ Ana- linha azul no horizonte limpo -está Angicos ao pé do Cabugi... Terra de J. da Penha – paisagem áspera e bela, gente forte e destemida, mas de uma envolvente doçura e descendo pela Central lá vem Lajes Baixa Verdes o Ceará- Mirim, terra da minha avó, vale verde de terras gordas e ricas Extremos, onde ainda ressoam os sinos do “carro caído” com seus tesouros e seus mistérios e a Aldeia Velha e o Potengi largo e manso e de novo Natal ( JUNIOR, 1975, p. 26).

Estes aspectos, que caracterizam os postulados do Naturalismo, compõem a visão do mundo do autor que, em certos momentos, apresentam traços característicos do Realismo, com a presença de contundentes descrições geográficas expressivas, emolduradas pela sensibilidade do escritor. A narrativa ainda explora a vida social das cidades amazônicas, sobretudo do interior, com suas tragédias humanas, crimes entre outros aspectos.

Diante do exposto, entende-se que muito autores mereciam um espaço neste relato, porém constitui-se uma pequena amostra de alguns homens e mulheres que, de acordo com sua visão e capacidade criadora, não mediram esforços para a composição de uma literatura forte e autêntica. As ideias contidas nas visões do mundo, destes e de outros autores, são mecanismos que permitem crer que a literatura produzida nesse espaço, tem um papel a cumprir frente aos diferentes desafios que a sociedade contemporânea impõe.

Assim sendo, as narrativas de Literatura Brasileira De Expressão Amazônia têm a região como consistente do próprio enredo das obras, firmando-se como literatura pautada na identidade cultural. Neste trabalho, entende-se este contexto Amazônico como ponto de partida para a leitura artístico literária, e apoia-se na afirmativa de SOUZA (2014) de que não deve haver preocupação se ela é regional ou universal, O papel do educador e de cada apreciador dessa expressão é promover o contato com os leitores, com o objetivo de conquistar novos apreciadores desta genuína expressão.

Amazônia possui peculiaridades que são percebidas aos olhos de quem escreve e que na sua produção não tem a menor intenção de romper com o universal, o que se tem é o compromisso de refletir através do imaginário os conflitos recorrentes em uma região que busca superar desafios em um território marcado pelo isolamento.

## CAPÍTULO 3

### O DESAFIO DE REALIZAR LEITURA ARTÍSTICO LITERÁRIA NA SALA DE AULA

A sociedade contemporânea que nos circunda é constituída de uma forma organizacional, intencional ou não, que ao longo do tempo tem negado ao cidadão direitos básicos, sobretudo ao indivíduo das classes sociais menos favorecidas. Onde não há direito à saúde e educação, o que dizer, então, do acesso aos bens culturais? Não há. Em se tratando de Amazônia, objeto deste estudo, por razões historicamente justificáveis, como vimos nos capítulos anteriores, os homens e mulheres que aqui habitam têm vivenciado ao longo dos séculos um processo de desvalorização e segregação cultural que se reflete em diferentes esferas da sociedade. Isso implica dizer que ao cidadão comum, dessa região, tem sido negado direito ao conhecimento dos bens culturais guardados pela escrita, os quais só terão acesso através da leitura. Deste contexto nasce a importância de conhecermos aspectos históricos e culturais que ajudam a compreender e valorizar textos da cultura Amazônica, ou seja, cotidiano regional.

Como professores de língua materna, não podemos estar alheios às dinâmicas sociais que preveem um ensino pautado na realidade social, onde um novo documento de caráter normativo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), surge e aponta novos paradigmas, apoiados sobretudo nas habilidades e competências do discente.

Diante desta expectativa é necessário ver a literatura como bem histórico cultural pertinente para o conhecimento de mundo e de si mesmo, pois essa arte é uma importante contextualizadora e “é partir da leitura de obras artísticas-literárias que podemos refletir e chegar a um sentido que nos conduz ao conhecimento do humano, o qual importa a todos” (TODOROV, 2010). Desta forma, é concernente defender o acesso às obras artísticas-literárias, pois a literatura tem o poder de libertar dos cativos sociais.

É pertinente observar o que nos diz Lajolo (2001) o texto literário no contexto escolar é considerado objeto de zelo para ser cultuado, cujo professor é o guardião

supremo. A autora afirma que, na escola, o texto artístico literário é um objeto espinhoso, que provoca incômodo e desinteresse dos alunos. Essas e outras razões configuram-se como desculpas para que o texto artístico literário passe longe das paredes de sala de aula.” O relacionamento entre a literatura e a educação está longe de ser pacífico e, neste momento, essa relação atravessa seu momento mais difícil, dado às variedades de manifestações culturais e outras características da sociedade contemporânea” (COSSON, 2016, p. 20).

Silva (2007) diz que fruir o texto literário é crescer pessoalmente ou transformasse politicamente, são partes de um mesmo ato, e que o leitor de texto artístico literário não só compreende a realidade, mas também passa a imaginar como a realidade poderia ser diferente; não só compreende, mas também transforma e transforma-se.

Segundo Collomer (2007), a leitura de textos artísticos literário não tem presença consistente em sala de aula. O professor tem perdido a oportunidade de programar atividades atraentes de leitura, pois a literatura contribui na construção social e da coletividade não apenas é essencial, mas simplesmente inevitável.

Não se desenvolveram materiais didáticos e práticas educativa muito extensa nesse campo, mas a escola foi capaz de difundir atividades de redação para os objetivos que lhe foram bem difundidos e aceitos como no caso do estímulo à escrita ou do domínio da estrutura da narrativa. É, pois, de esperar-se que a consideração de novos objetivos concretos gere novas e variadas atividades, que ajudem as crianças a melhorar sua leitura e sua escrita de forma inter-relacionada. (COLLOMER, 2007, p. 172).

É preciso virar a página das fichas de leituras, dos estudos das escolas literárias, dos questionários e propor atividades que conduzam o aluno a uma reflexão além daquilo que está escrito. É preciso, também, que o professor esteja consciente de seu papel e faça escolhas que favoreça a ampliação da experiência literária dos alunos, dando lugar a diferentes autores e tipos de obras.

Torna-se pertinente a necessidade “de deixar de lado o gosto literário impulsionado por campanhas que apresentam a leitura de um livro desprovido de todo o poder de pensamento e de transformação social”, (CASTILLON, 2011, p.57). Portanto, a prática docente deve ter um olhar cuidadoso para ações que visam a experiência literária superficial de pouco humanizadora, puramente comercial.

A proposta que partilhamos é que a aprendizagem da literatura se dê enquanto experiência de mundo, por meio dos textos artísticos literário de contexto amazônico, como forma de autoconhecimento, promovendo uma realização social e cultural do indivíduo que se forma nos espaços escolares por meio da leitura, especificamente no contexto local.

Aires (2015) propõe que a Literatura Brasileira de Expressão Amazônica como produção cultural de um povo, pode e deve ser acessada com uma maior facilidade pelos leitores mais próximos da experiência das obras literárias de cunho regional. Através de ações que estimulem o conhecimento de dados históricos, mas principalmente o contato com a obra literária na sua forma integral.

As práticas de leitura artísticas literárias abordadas pelos docentes na atualidade não consideram a possibilidade de realizar um intercâmbio entre o mundo que o aluno vive e o mundo imaginário descrito nas obras, se assim for feito, dar-se ao aprendiz a oportunidade de exercitar suas articulações mentais, conduzindo criticamente no contexto da obra e no mundo. Porém, cada vez mais o texto artístico-literário vem desaparecendo do contexto escolar. “O desaparecimento da literatura no contexto escolar é tão evidente que nos livros didáticos atualmente não figuram nem mais os trechos de textos literários, mas de uma porção de gêneros, muitas vezes misturados em vez de interligados”. (COSSON, 2016, p.22).

Dada a essa circunstância, uma pergunta não cala no inconsciente daqueles que se preocupam com a promoção da leitura. A pergunta é: onde o leitor em formação, terá contato com o texto artístico literário, se for na escola? Diante deste questionamento, é necessário que o docente reavalie sua prática de ensino de leitura e lance o olhar para o texto artístico literário, visto que o mesmo é uma necessidade na sua formação, assim como os outros gêneros como nos afirma a Base Nacional Comum Curricular.

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com arte literária e de oferecer condições para que ele possa reconhecer, valores e fruir essas manifestações. Está em jogo a formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à dimensão humanizadora e mobilizadora, é preciso supor- e, portanto garantir a formação de um leitor fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura de

textos, de desvendar suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BNCC, 2017, p. 136).

O texto da BNCC ainda se alonga e afirma que o estudo das obras literárias deve ser contextualizado considerando a perspectiva interdisciplinar que o texto traz.

Desta maneira, oferecemos ao aluno o direito à literatura como defende Candido (2004), saindo das formas engessadas e criando maneiras de aprender. Diante de tais afirmativas, é preciso deixar de realizar a leitura fragmentada de obras, com o objetivo de dar ênfase a análise linguística ou para responder questões pré-estabelecida. É preciso disponibilizar tempo nas aulas para prática de leitura de obras com estratégias que conduzam o aluno a pensar. É preciso conduzir o discente a refletir que “a leitura não é um adorno nem um passatempo e que seu valor não está em oferecer apenas alguns momentos prazerosos, mas sim que a leitura é um instrumento extremamente útil na transformação e organização de suas vidas” (CASTILLON, 2011, p. 64).

Desta forma, como nos diz Cosson (2012) a escola será espaço de socialização, partilha e de ampliar os sentidos construídos individualmente, assim, o indivíduo será capaz de reconhecer que é membro de uma coletividade e que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.

Costa (2005) chama atenção para a importância e o lugar do texto literário em sala de aula, para tal ela sugere que os docentes revejam a prática educacional, avaliando sua inserção e sua participação no meio e que atuam, considerando o aluno sujeito ativo no processo de ensino, desta forma o texto artístico literário com seu manancial e imagens, evocações, sensações, emoções e identificações entre outros aspectos, atuam com estimulantes para a compreensão crítica da realidade, de si e de outros. O texto literário deve atender às necessidades do aluno-leitor. Diante das afirmativas citadas, compreende-se que a escola está distante de aproveitar o potencial da literatura, visto que o texto artístico-literário pode contribuir em diferentes áreas do conhecimento.

É importante considerar que a boa interação entre o leitor e o texto artístico literário perpassam por critérios como a maturidade social e linguística do leitor.

O professor, ao pensar seu exercício de leitura, deve adequar a prática de maneira que a mesma possa atender às necessidades deste leitor, dando a este a oportunidade refletir e compreender o texto lido. Práticas contextualizadas permitem a

percepção das entrelinhas, porém é importante ressaltar que o grau de maturidade de leitura será alcançado, se o indivíduo tiver motivação, desta forma, como afirmou-se anteriormente o professor deve adotar práticas que atendam a necessidade do leitor em formação.

Quando se fala em leitura, em nossa proposta, não se fala no domínio do código linguístico, fala-se em ler, como afirma Britto (2015), de forma emancipatória, reconhecendo no mundo e agindo criticamente nele. Britto resalta que esse nível de leitura será atingido por poucos, ou seja, a maior parte da população nunca alcançará esse plano, visto que isto depende de prática e experiência.

Diante desses elementos, o papel do professor é promover o encontro entre o texto artístico literário e o aluno do sistema de ensino dessa região. O contato com textos de Literatura Brasileira Expressão Amazônica, amplia as possibilidades de ensino, como afirma Regina Zilbermam (2005), há para o aluno mais uma possibilidade de escolha para desenvolver sua competência leitora ampliando ou iniciando sua experiência pessoal com a literatura:

Se é a literatura de ficção, na sua globalidade, que deflagra a experiência mais ampla da leitura, sua presença no âmbito do ensino provoca transformações radicais que, por isso mesmo, lhe são imprescindíveis. Além disto, ela é a condição de o ensino torna-se mais satisfatório para seu principal interessado” (ZILBERMAN, 2005, p. 22).

### **3.1 O que fazer diante do não encontro entre o aluno e o texto artístico-literário?**

Como se afirmou anteriormente, o texto artístico-literário constitui-se no contexto escolar como algo distante inacessível para os alunos, visto que diferentes atividades, teorias e metodologias de acesso à leitura são praticadas, porém poucas delas têm o objetivo de promover o acesso artísticos-literárias, prevalecendo o contato com outros gêneros textuais.

Essa realidade precisa ser modificada. Mas o que fazer? Como promover essa aproximação?

Antes de qualquer postulação, é importante evidenciar que Lajolo (2004) chama atenção para o que ela intitulou de convenção de leitura literária que circula nas escolas. Consiste em uma prática com uso de materiais didáticos pré-concebidos, pelas editoras, e cujo objetivo é comercial, que visam ressaltar figuras de linguagem,

funções de linguagem e fatos históricos justapostos que desconsideram a capacidade de reflexão do docente e a real necessidade dos alunos. A autora afirma que este é um pacto firmado por diferentes esferas do contexto social e constitui-se como prática recorrente em diferentes escolas.

É necessário evidenciar que não é deste falso saber que se postula nesse relato, o que se busca evidenciar são práticas de leituras artísticas literárias que se realizem a partir da necessidade e do meio social do educando.

Lajolo (2004) chama atenção para a persistência em não realizar atividades de leitura formuladas a partir da formação cultural dos alunos, fato que segundo a escritora constitui-se como violência, pois desconsidera a experiência prévia, imagens e leitura e de literatura que o aluno apresenta.

As atividades realizadas à luz de ações pré-concebidas pelas editoras constituem-se sem significado, apenas visam o cumprimento do programa de ensino de forma mecânica. Pode-se evidenciar que por essas e outras razões o ensino de leitura literária no espaço escolar não se incorpora a rotina do educando.

Se, então, em vez de patrocinar exclusivamente roteiros de leitura inspirados nesta ou naquela teoria, a prática de leitura escolar centralizar sua reflexão sobre o ato concreto de leitura em curso no espaço de sala de aula e sobre as interpretações que aí ocorrem (inclusive as decorrentes de roteiros de atividades), a leitura literária em escolas pode converter-se numa prática de instauração de significados e, com isso, transformar o estudo de literatura na investigação e vivência crítica do percurso social cumprido por seus textos, suas teorias, suas leituras (ZILBERMAN, 2004, p. 96-97)

Alguns pontos devem ser considerados antes de iniciar o processo de transformação da prática de leitura literária, é preciso ter, como nos diz SILVA (1998), horizontes bem configurados e bem fundamentados que orientam o desenrolar de ações e programas de leitura em sala de aula, caso isso não ocorra, o risco de cair no casuísmo e na improvisação, o que poderá tornar a atividade enfadonha.

Ainda com as orientações de Silva (1998), é necessária uma prática de leitura com situações concretas que façam sentido na vida dos educandos. Para que essa prática se efetive, é coerente contar com professores leitores, que possam compartilhar sua bagagem literária com os alunos. É importante também ter acesso aos livros, ou seja, permitir, disponibilizar para os alunos variedades de materiais para a leitura, considerando o interesse, a necessidade e a capacidade de cada um. Porém

o que se vê no contexto escolar são livros encaixotados, escondidos e inacessíveis ao seu principal consumidor.

De fato, um trabalho bem planejado, fundamentado e coerente com a realidade dos alunos, poderá realizar transformações inimagináveis e conduzir o leitor à prática de leitura espontânea de sua própria escolha. Objetivar o que se lê é essencial em qualquer prática de leitura, seja ela artística-literária ou não.

Embora os elementos citados por Ezequiel Teodoro da Silva (1998) sejam do conhecimento da maioria dos educadores, os mesmos não se efetivam no contexto escolar. Talvez porque as práticas tradicionalmente consolidadas no cotidiano da escola tenham mais força ou dão menos trabalho e demandam menor recursos do que as práticas que sugerem uma educação emancipatória.

O estímulo à leitura é cada vez mais necessário, porém, não basta apenas dar livros, é preciso construir situações e necessidades de realização de leitura. Colomer (2017) diz que a chave da dinamização da atividade de leitura é a leitura compartilhada, sem que a leitura e a compreensão estejam centralizadas e monopolizadas pelo professor. Porém, a autora ressalta que esse compartilhar exige entusiasmo, construção de significado, conexões entre os livros lidos e outros. Tal prática revela-se uma estratégia que emerge grande interesse dos educandos.

À medida que a escola compreende que é mais relevante destinar tempo para a leitura de obras integrais, reduzirá o tempo de trabalho explorando habilidade de leitura de forma descontextualizada, fato que notadamente resultará na melhora da expressão escrita. Não se pode esquecer que é na escola que o aluno encontra tempo destinado ao exercício de leitura, pois, em casa ou em outro ambiente, possivelmente não encontrará as mesmas condições de estímulo. É na escola que cobram os insucessos dos alunos com a leitura como ressalta Colomer:

O debate social afeta em cheio a escola, a quem se pedem contas de sua responsabilidade no fracasso da formação de leitores. Os docentes, culpados e perplexos, coincidem em identificar a nova situação com a sua com uma espécie de barbárie, na qual seus alunos, submergidos nas novas formas de cultura, se mantêm indiferente à mensagem estética da literatura canônica. Então, as saídas ante este diagnóstico se dividem entre duas opções extremas: a de dirigir-se unicamente à minoria, que ainda pode aderir aos antigos valores, ou ainda a de defender que as regras de comunicação estética variaram e que é preciso aceitar a legitimidade dos gostos espontâneos e do jogo imediato a que se tenham acostumado alguns alunos, que estariam mais preparados que seus professores para a função da cultura pós-moderna (COLOMER, 2007, p. 46).

Ainda que a falta de interesse do aluno pela leitura não seja em sua totalidade da escola, é inevitável considerar sua contribuição em favor ou contra ela. Britto (2012) contribui com este debate afirmando que o desinteresse pela leitura resulte de um caráter autoritário imposto por práticas tradicionais. Zilbermam (2004) nos diz que talvez o insucesso resulte de um excesso de tarefas e as condições de trabalho provavelmente precárias, da escola e do professor. Desta forma, a escola não deve transferir a responsabilidade de promover a leitura para outra esfera social. O que deve ocorrer é a busca constante de conhecimento por parte de todos os agentes desse processo, principalmente do professor, visando novas formas de realizar aquilo que é de sua responsabilidade, considerando os aspectos mencionados acima.

Quando a leitura nos permite visitar memórias internas é maior a possibilidade de valorizarmos o texto, nesse caso é bem possível achar uma relação de proximidade quando os alunos experimentarem a leitura de narrativas de LBEA, pois as histórias trazem a possibilidade de resgate de memória, através do contato os textos em questão, dentro do espaço escolar. Como afirmou-se anteriormente, é comum no contexto escolar, práticas de leitura desconectadas com o cotidiano, com a realidade e com o interesse do leitor. Além do acesso ao livro é preciso que haja um convite à leitura, à linguagem e compreensão da realidade, pois as mesmas se prendem dinamicamente. Freire (1989) afirma que a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica na percepção das relações entre texto e contexto.

Nessa perspectiva freiriana nascem as práticas sociais e culturais que buscam imprimir o desejo pela leitura. Desta forma, quando as propostas estão relacionadas às experiências que o leitor carrega em si, o processo de construção da competência leitora, não tem apenas importância pedagógica, mas também relevância social. Diante disso surge a necessidade de valorização de sua vivência e sua cultura. O contexto escolar amazônico apresenta uma possível necessidade de contato com texto de literatura local, pois como afirma Fares (2013), nas escolas da Amazônia é visível o distanciamento entre aquilo que se ensina e o que o aluno necessita refletir.

Se consideramos, no processo pedagógico, o real e o necessário na vida do aluno, os educadores, desse contexto, serão capazes de estabelecer em suas práticas

um lugar para os saberes literários da Amazônia. O que falta, provavelmente é oferecer a essa literatura uma porta, uma passagem, uma abertura para a escola.

É necessário contribuir para a mudança, e propor atividades de leitura que estabeleçam o valor dessa literatura, ações que oportunizem tanto reflexões sobre o contexto histórico, biografia dos autores, mas principalmente, o contato com as obras literárias. Torna-se essencial discutir com educandos que LBEA é resultado de ações sociais, pois é fruto de uma cultura e nos permite relacionar o que lemos com o entendimento do que compreendemos da realidade amazônica. “Então reafirmo a necessidade de aproximar nossos alunos ao contexto em que vive e isto pode se dar por meio de diferentes inserções curriculares, entre elas a artística-literária.” (NUNES, 2005, p.19)

A prática aqui descrita constitui-se, também, como ação pedagógica em defesa de uma literatura, que mesmo elaborada na vivência de uma região vista como um ambiente a parte do restante do território federal, merece seu lugar como participante e edificadora do contexto escolar amazônico.

Em síntese, o ensino de leitura artístico literária, se bem fundamentado, pode constituir de prática enriquecedora que dará ao aluno a possibilidade de ampliar seus limites de leitura. Além de ensinar literatura, é preciso ensinar e aprender a ler literatura sob a ótica de que ler literatura perpassa pelas experiências humanas. A escola deve reunir esforços para promover o encontro entre o leitor e o texto artístico literário. Em suma, é necessário evidenciar que a literatura e o ensino de língua portuguesa podem, e devem caminhar juntas no ensino – aprendizagem, pois ambas constituem a mesma esfera do conhecimento.

## CAPÍTULO 4

### **PESQUISA – AÇÃO COMO METODOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA INTERVENÇÃO PARTICIPANTE E RESULTADOS**

A pesquisa configura-se como pesquisa-participante que procura unir a prática no desenvolvimento do conhecimento, bem como compreender as dinâmicas sociais que contribuem para a construção deste. Sendo este um processo coletivo, em que o pesquisador desenvolve o papel de proponente e pesquisador ao mesmo tempo. O trabalho foi realizado como possível contribuição para o ensino de leitura artístico literária com as turmas de 8º ano da escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, situada na região do Eixo-Forte, zona rural do município de Santarém.

As pesquisas realizadas no espaço escolar permitem ao professor refletir sobre o contexto educacional e os sujeitos que dele participam, observando suas dinâmicas de relacionamento, cujo objetivo deste envolvimento é a aprendizagem, como afirma Bortoni-Ricardo (2008):

[...] o docente que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico, tornando-se um professor pesquisador de sua própria prática pedagógica ou das práticas com as quais convive, estará no caminho de aperfeiçoar-se profissionalmente, desenvolvendo uma melhor compreensão de suas ações como mediador de conhecimentos e de seu processo interacional com os educandos (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32-33).

Diante desta afirmativa, a escola possui um rico espaço para o estudo investigativo, desta forma, utilizamos os seguintes instrumentos para o desenvolvimento da pesquisa.

1º etapa: Centrada no levantamento da revisão bibliográfica para aprofundamento teórico da base da pesquisa.

2º etapa: Observação e sondagem do contexto escolar e elaboração da proposta de intervenção.

3º etapa: Aplicação da proposta de intervenção com as oficinas leitura de contos de Literatura Brasileira De Expressão Amazônica, mediada pelo pesquisador

participante e dividida em etapas, cuja sala de aula foi o espaço primordial para a realização das ações que foram desenvolvidas entre os meses de outubro de 2017 à setembro de 2018.

#### **4.1 Metodologia da intervenção**

O presente projeto de intervenção faz parte da pesquisa de mestrado do Profeletras, cujo título é “Do texto literário para a literariedade das narrativas da Amazônia: Uma proposta de ensino de leitura literária”. A pesquisa visa realizar atividade de leitura do texto de Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, a fim de verificar suas possíveis contribuições para o desenvolvimento da competência leitora, habilidade necessária para a apropriação do conhecimento dos bens culturais acumulados pela humanidade ao longo do tempo e guardados pela escrita.

A Literatura Brasileira De Expressão Amazônica é pressuposto para o exercício da leitura, pois se entende que esse contexto pode de alguma forma contribuir para a competência e a autonomia leitora, partindo da realidade local, da Amazônia, para o contexto global.

Partindo da ideia de que a literatura provoca transformações no ensino e merece estar no espaço escolar, conclui-se a que as expressões artísticas literárias locais também precisam ter seu lugar no ensino, atuando paralelamente com o cânone literário. Neste sentido, a Literatura Brasileira de Expressão Amazônica colabora como porta de acesso às outras obras da literatura universal. A leitura é uma prática social, no entanto, na maioria das vezes, as obras oferecidas aos alunos não se relacionam com o seu mundo, com a sua história e com o contexto sócio - econômico - cultural. Descrevem uma realidade distante, principalmente aqueles de classe social menos favorecida. Neste sentido, o aluno passa a desvalorizar seus bens culturais e valorizar a cultura de outra sociedade.

O contato com a Literatura Brasileira de Expressão Amazônica é uma oportunidade do leitor, em formação, potencializar seu ponto de vista sobre suas memórias e experiências vividas em comunidades culturais, permitindo um diálogo crítico e criativo com textos literários de outros povos, pois, é uma expressão literária de grandes temas como nos diz Loureiro (1995). Diferentemente das demais regiões brasileiras, a Amazônia vem oferecendo à cultura em geral e os grandes movimentos artísticos brasileiros, em maior quantidade, temas resultantes do seu imaginário social.

O trabalho de intervenção, como foi dito anteriormente, busca desenvolver e aplicar uma proposta de ensino de leitura do texto literário com os alunos do 8<sup>o</sup> ano do Ensino Fundamental na Escola de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Santarém-Pará.

As ações dessa intervenção são pautadas nas estratégias de leitura propostas por Girotto e Sousa (2011), Solé (1998) e Cosson (2012), que sugerem ações pedagógicas com aspectos em comum. O entrelaçamento das teorias favorece a liberdade na construção das ações interventivas, sendo que elas priorizam o aspecto discursivo do texto literário, onde o aluno lê e interage com o texto, permitindo ao pesquisador observar o posicionamento do aluno diante do texto lido.

A primeira teoria adota é a proposta de oficina de leitura sugerida pelas autoras Cynthia Graziela G. Simões Girotto e Renata Junqueira de Sousa, que, em 2011, adaptaram para a realidade brasileira a metodologia de ensino dos autores Harvey e Goudvis. A proposta é uma releitura que possibilita o contato inicial dos alunos com os textos literários. A estrutura da oficina de leitura proposta pelas autoras prevê o uso de estratégias em busca da leitura autônoma, com a duração de sessenta minutos, sendo que estes serão divididos em aula introdutória, prática guiada, leitura independente, partilha em grupo e avaliação.

Cada uma dessas fases necessita de uma estratégia diferente. Entre as estratégias de compreensão, encontra-se as conexões, inferências, visualização, questionamentos e sumarização e síntese. Neste processo, as autoras destacam como essencial a estratégia de conhecimento prévio, que visa inserir o texto a ser lido em um contexto, e verificar o que o aluno sabe sobre o ambiente citado no texto, pois é a partir deste que as demais estratégias serão desenvolvidas. As estratégias sugeridas pelas autoras e adotadas nessa proposta são:

Conexão: que consiste em associar o conhecimento prévio fazendo conexões com aquilo que está sendo lido. Esta estratégia pode realizar de três formas: Entre o texto e outros textos de experiência do aluno (que ele tenha lido). Entre o texto e o leitor; em que o texto estabelece relações entre fatos de sua própria vida e entre o texto lido e os acontecimentos do mundo em sua volta. Cabe ao professor conduzir o uso de cada uma dessas estratégias.

Inferências: Realiza-se quando o leitor recolhe pistas espalhadas ao longo do texto que lhe ajudam a chegar a uma conclusão. Segundo as autoras, é compreendida como conclusão a interpretação das informações implícitas do texto.

Visualização: Consiste na construção de imagem mentais sobre o que está sendo abordado, fato que mantém a atenção do leitor e permite concentração ao texto.

Sumarização: É a seleção de fatos importantes do texto. Ação que será realizada pelo leitor em forma de nota destacando elementos essenciais para a compreensão, pois se compreende que sistematizando elementos essenciais do que se ler facilita a compreensão.

Síntese: Consiste em um resumo pessoal que o leitor apresenta suas impressões sobre o texto lido em forma de resumo ou paráfrase.

Avaliação: Seria a última etapa da oficina de leitura, realizada através de uma conversa em grupo sobre o texto lido. Avaliando se os objetivos foram alcançados

A segunda teoria que escolheu para pautar as ações dessa proposta foi a da educadora Isabel SOLÉ (1998) que, em seu livro, *Estratégias de leitura* aponta o uso de práticas para o desenvolvimento de habilidades leitora dos alunos. Isabel Solé afirma que a leitura pode ser ensinada, mas precisa que o seu ensino esteja conectado a leitura significativa. O aluno necessita saber os motivos pelos quais está lendo determinado texto e o mesmo precisa ter significado em sua vida.

Para isso, o docente precisa criar condições para que essas atividades ocorram, com a finalidade do aluno presenciar como a leitura do texto é realizada e como um texto, revela entre linhas algo que ainda não está aparente ou consciente na leitura do aluno.

De acordo com a proposta da autora, temos estratégias que conduzirão ao desenvolvimento da habilidade leitora e podemos sistematizá-las em: Antes da leitura, durante a leitura e depois da leitura.

Antes da leitura, é importante realizar uma motivação que tenha sentido com o texto. Ler com objetivo de identificar as informações de modo preciso. Realizar a estratégia de antecipação do tema ou ideia central do texto a partir de elementos como: Título, subtítulo, exame de imagens, gráficos e outros. É essencial avaliar o conhecimento prévio do aluno, e questioná-los sobre as previsões a respeito do texto e promover perguntas a respeito do gênero que será lido, bem como considerar o

autor, o suporte do texto, o contexto e outros elementos envolvidos no processo de construção dos sentidos do texto.

Durante a leitura, a autora sugere que as estratégias usadas sejam a leitura compartilhada, para que o aluno ouça o que o outro lê e como lê, formular previsões e perguntas sobre o texto no decorrer da leitura, realizar o resumo de ideias e reconhecer a ideia central. O aluno deve também realizar uma leitura independente, ou seja, sem a intervenção do docente, pois a ação favorece a autonomia. Durante a leitura é ele que confirmará as antecipações e expectativas criadas antes de conhecer o texto. É importante a construção de inferências a partir do conhecimento prévio do aluno, bem como a construção de um sentido global do texto. É fundamental também observar traços que revelem o posicionamento ideológico do autor.

Depois da leitura, a partir dessa proposta, temos como estratégia a ênfase da ideia central do texto, a prática do resumo, além de poder responder perguntas ou formulá-las sobre o texto lido. Por fim, é possível avaliar o texto e julgar a sua constituição e tema.

O último autor que serve como base para a presente proposta é Rildo Cosson (2014), que apresenta uma metodologia que visa promover a leitura literária nas escolas e sugere os círculos de leitura, uma espécie de comunidade de leitores, reunidos em busca da compreensão e interpretação de uma obra literária e seus múltiplos sentidos. Nesta obra, "Círculos de leitura literária", o autor apresenta uma série de estratégias que podem ser usadas pelo professor em sala de aula e ou em outros ambientes. Selecionou-se algumas que serão utilizadas em uma das oficinas desta intervenção.

Entre as estratégias escolhidas, temos a leitura em voz alta e leitura feita por módulos, dramatizada, encenada. O autor cita ainda a interação e a participação, onde acontece a apresentação do livro e predições sobre a leitura que será realizada. Dentre muitos exemplos citados pelo autor, escolheu-se também a proposta baseada as ideias criadas por Harvey Daniels que sugere dar funções aos alunos durante o processo de leitura. A função dada aos discentes tem por finalidade fazer com que estes leiam o texto literário observando criticamente, buscando dados para responder aquela função que lhe foi dada. Como afirma o autor, nem todas as funções necessitam ser utilizadas em uma única atividade e o professor pode criar outras

funções. Em vista dessa afirmativa, as funções escolhidas para essa intervenção foram:

Conector: É o aluno que fica responsável em associar uma passagem do texto com algum fato da atualidade.

Questionador: Nesta função, o aluno fica responsável em elaborar perguntas sobre texto e direcioná-las aos colegas.

Iluminador de passagem: é o aluno que escolhe uma passagem do texto para explicar ao grupo, seja porque é bonita, ou seja, porque ele gostou ou chamou sua atenção, ou porque é difícil para compreensão e precisa de reflexão coletiva para haver entendimento.

Ilustrador: É o aluno que traz passagem do texto para serem ilustradas.

Dicionarista: É o aluno que busca o significado das palavras desconhecidas encontradas no texto.

Perfilador: É o aluno responsável em traçar um perfil das personagens mais interessantes no texto.

Sintetizador: responsável por sumarizar o texto destacando sua composição.

Definido o entrelaçamento das estratégias de leitura que se pretende usar nessa intervenção, parte-se agora para a descrição das atividades que foram ser realizadas.

#### **4. 2 O cenário de intervenção e o público-alvo**

O espaço eleito para a realização da proposta de intervenção foi a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Nossa Senhora do Perpétuo, que está localizada na Rodovia Everaldo Martins KM 2, PA (457), região do Eixo Forte, zona rural do município de Santarém.

Atualmente, o quadro de alunos da referida escola é de 420 alunos distribuídos em turmas de Educação Infantil até o 9º ano do ensino fundamental do ensino regular, com a modalidade EJA, Educação de Jovens e Adultos, de 3ª e 4ª etapas no período noturno. Os alunos são bastante heterogêneos. Alguns alunos, oriundos da zona urbana, dos bairros adjacentes como; Santarenzinho, Alvorada, Elcione Barbalho, Salvação e outros, porém, a grande maioria dos alunos pertencem a zona rural, sobretudo as vilas de Ponte Alta, Santa Maria, Pajussara que, junto com os alunos da vila de Cucurunã, compõe o quadro discentes, oriundas de famílias de pescadores,

funcionários públicos, micro empresários, agricultores e extratores de açaí e outros recursos naturais.

A grande maioria desses alunos, segundo o último censo escolar, são beneficiários do Programa Bolsa família. No quadro de docentes, também de acordo com o último censo, 98% dos professores possuem nível superior. No que se refere ao ensino de Língua Portuguesa, todos os professores da referida disciplina são graduados e pós-graduados *latu sensu*, fato que colabora para que os professores busquem superar os problemas e barreiras que se impõe no que diz respeito ao ensino de língua materna.

Considerando o contexto escolar, um dos motivos que culminaram com a escolha do tema da pesquisa, bem como do local para o seu desenvolvimento, foi o fato que maioria dos alunos têm contato muito grande com o campo artístico regional, sobre tudo com a música e ritmos da cultura local, porém, os mesmos apresentam pouco conhecimento teórico acerca de origem e os principais representantes destas manifestações artísticas comuns em nosso estado.

Desta forma, podemos concluir que o conhecimento adquirido pelos alunos sobre a música e a arte regional de modo geral é empírico, ou seja, baseado em sua experiência. Dado este fato, nota-se que esse conhecimento necessita de um aprofundamento.

Além dos fatores, anteriormente citados, compreende-se que é papel genuíno do professor(a) de língua portuguesa, da região norte, promover o contato do aluno com a Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, visto que a mesma não é contemplada nos livros didáticos enviados pelo sistema público de ensino. A inclusão dessa expressão literária, no contexto escolar, promove a valorização cultural através do conhecimento literário em que se encontra também os elementos socioculturais da região.

“O que identifica o homem é a sua cultura. Ao se identificar como natural de determinado país ou região, o homem, na verdade, está se apresentando como membro de uma sociedade, grupo, classe, Estado ou nação, ao qual faz parte. O Lugar que ele reconhece como seu lar. E este lugar ao qual pertencemos tem como uma das formas de identificação a cultura. (SOUZA1, 2009, p. 17)

Entendesse que a escola necessita apresentar ao aluno atividades pautadas em seu contexto cultural, desta forma, será mais complacente que o discente se

reconheça e reconheça sua cultural podendo, assim, interagir de maneira consciente sobre ela e com ela.

É relevante mencionar que no ano letivo de 2018 a escola, em que a pesquisa foi desenvolvida, não contou com biblioteca, sala de leitura organizada ou qualquer outro tipo de funcionário que pudesse realizar alguma ação de mediação da leitura, sendo que as atividades foram planejadas pelos professores regentes de cada turma, cada qual seguindo sua visão e concepção de ensino e leitura.

A oferta de livros, dentro da escola, é razoável, ressalta-se que a ausência de profissionais para a realização da mediação de leitura independe da gestão escolar, sendo que a contratação e a permanência do profissional dependem do interesse do governo municipal. Compreende-se que este fato não é exclusivo desta escola e sim um dos muitos problemas educacionais que afetam a maioria das escolas públicas.

A necessidade de instalação da biblioteca escolar não é tão nova ou recente como parece. Em verdade, esse problema, ao invés de ser solucionado, vem se agravando nas últimas décadas e neste início de terceiro milênio – continuam as nossas escolas a agir como “instrumentos imperfeitos”, não apresentando condições concretas para a formação de leitores, e conseqüentemente, para o desenvolvimento do gosto pela leitura junto ao seguimento estudantil (SILVA, 2009, p. 187 -188).

Diante da afirmativa de Silva, entendeu-se que a ausência de profissionais preparados para a mediação de leitura e espaço escolar adequado para o exercício da mesma é um problema, não somente da referida escola, também de toda a educação brasileira.

Considerando a descrição feita é importante, a necessidade de práticas de leitura literária que motivem o maior contato do aluno com a leitura de forma ativa e frequente, não só da LBEA, mas também de outras expressões literárias.

#### **4.3 Construído o corpus literário (oficinas)**

A proposta de intervenção está dividida em três módulos. Cada módulo corresponde a um conto de um autor diferente, da expressão literária aqui debatida, portanto, serão trabalhos três autores de literatura brasileira de expressão amazônica. Assim temos:

1ª Oficina: O conto “As outras histórias do boi Pitinga” do autor Felisberto Sussuarana.

2ª Oficina: O conto “A sorte de Vicentina” do autor José Veríssimo.

3ª Oficina: O conto “A casailhada” do autor Milton Hatoum

As oficinas foram realizadas especificamente nas turmas de 8ª ano (801 e 802). Antes do início das leituras, foram apresentados aos estudantes todos os aspectos estruturais do gênero conto, ressaltando suas principais características no que diz respeito a forma e a estrutura da narrativa como: personagens, conflito, clímax e desfecho.

As atividades ocorreram nas aulas de Língua Portuguesa em 4 aulas semanais, totalizando 12 encontros de 45 minutos cada. Os dados da realização das oficinas foram registrados no diário de bordo pelo pesquisador participante.

Para cada conto, utilizou-se como motivação um elemento que remete ao texto que aqui chamaremos de detonador. Após o momento de questionamentos em relação ao detonador, apresentou-se o título do conto, o autor e seus dados biográficos, partindo para a leitura efetiva e as atividades que vieram a partir dela. No final dos três módulos estava previsto a realização um Sarau denominado “Os autores daqui de casa” para socialização dos contos lidos, onde outros aspectos da cultura amazônica também poderiam ser apreciados.

#### **4.3.1 Descrição das Atividades Propostas**

##### **1ª oficina**

Professora: Edriana Lucia Fonseca de Moraes

Unidade escolar: Escola Municipal Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Nível de Ensino: 8º ano

Conteúdo: Leitura Literária, palavras do vocabulário regional.

Gênero: Conto “Outras memórias do boi Pitinga” - Felisberto Sussuarana.

Tempo estimado: 4 encontros de 90 minutos cada.

Objetivos específicos:

- Perceber, através da leitura, as relações sociais e econômicas de Santarém de antigamente.
- Posicionar-se criticamente a respeito da condição do animal de carga envelhecido. -
- Reconhecer a diversidade linguística da região Amazônica.

1º momento: Como motivação “Detonador”, colocar na sala temática imagem dos prédios históricos de Santarém, onde a história se passa. Questionar a partir das imagens se os alunos inferem do que se trata o texto. Apresentar os objetivos da leitura, os dados biográficos do autor e o contexto da obra.

Com a fala dos alunos sobre o tema central da obra, preencher o quadro das inferências realizadas a partir do conhecimento do título, do contexto e das características do autor. Permitir o contato dos alunos com o livro de onde o texto foi extraído.

Distribuir o caderno de texto com os contos. Iniciar a leitura compartilhada onde cada aluno ler em voz alta, alternando o leitor mediante o comando do professor. Serão lidas as páginas 1 a 10. Após essa primeira leitura, será realizada o primeiro intervalo para que os alunos possam completar o quadro das inferências, relatando se as suas previsões se concretizaram. Debater com os alunos sobre o conflito revelado e as possíveis soluções e desfecho ativando o conhecimento prévio sobre o tema do conto.

À medida que a leitura for avançando, esclarecer os alunos quanto ao significado das palavras regionais que já caíram em desuso, buscando descobrir seus significados no contexto da obra inferindo a partir do que vem antes e o que vem depois de cada palavra desconhecida. É importante destacar as palavras regionalizadas que aparecem no conto e que ainda são utilizadas atualmente, visto que os contos trabalhados ambientam em diferentes épocas. Ao final da leitura, promover com os alunos um debate sobre as condições, de sobrevivência, dos animais de carga descritos no conto. A finalidade do debate é fazer a conexão entre o texto e a realidade, estabelecendo um paralelo com as condições atuais. Assistir ao vídeo que esclarece quanto aos direitos dos animais e construir hipóteses acerca de que direitos os animais possuíam na época em que o conto se passa.

Após o debate, permitir que os alunos levem os textos para casa para que realizem a leitura prévia individual a fim de favorecer a autonomia.

2º momento: No segundo encontro vamos iniciar as atividades com a estratégia de visualização pedindo que os alunos ilustrem o que eles imaginam que vai acontecer com o boi Pitinga e que transformações eles fariam no texto se eles fossem o autor. Cada aluno irá socializar para a turma suas ideias. Após esse momento, seguir com a

leitura compartilhada até a página 20. Ao término da leitura, realizaremos o intervalo, para mediar a discussão dos principais costumes e hábitos do povo Santareno da época em que o conto se passa, e relacioná-los com os costumes atuais, destacando os que ainda persistem ao longo do tempo. Além disto, projetar para os alunos o antes e depois dos prédios descritos pelo boi Pitinga no texto, registrar, em um “cartaz ancora”, quais os prédios que ainda existem e quais não existem mais. Neste momento, realizaremos a leitura na tentativa realizando as inferências para descobrir do posicionamento ideológico do autor a respeito das atividades comerciais de Santarém da época, e a importância rio nessas atividades comerciais da região.

3º momento: Realizaremos a leitura compartilhada das páginas vinte até trinta, onde a estratégia de leitura realizada será a de síntese para verificação dos principais pontos que os alunos aprenderam do texto e o que consideram mais importante no conto, expressando suas opiniões e sentimentos com relação a compaixão dos jovens descritas no clímax e desfecho do conto.

O último encontro é exclusivo para a visualização dos quadros de estratégias registrados ao longo da leitura e reconhecimento dos mecanismos usados para se chegar a compreensão do texto, permitir que os alunos façam questionamentos e tirem suas dúvidas. Avaliar com eles a maneira como o trabalho foi conduzido, por meio de síntese escrita.

## **2ª oficina**

Professora: Edriana Lúcia Fonseca de Moraes

Unidade escolar: Escola Municipal Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Nível de Ensino: 8º ano

Conteúdo: Leitura Literária.

Gênero: Conto “A sorte de Vicentina” - José Veríssimo.

Tempo estimado: 4 encontros de 90 minutos cada.

Objetivos específicos:

- Perceber através da leitura as relações sociais e econômicas dos moradores da cidade onde o conto se passa.
- Posicionar-se criticamente a respeito da condição das crianças e adolescentes da região que saem de casa para o trabalho doméstico.

- Reconhecer a diversidade cultural nas atividades cotidianas na região da região Amazônica.

No segundo módulo será trabalho o Conto “A sorte da Vicentina” de José Verissimo. Neste módulo, os alunos ganharão suas funções conforme as estratégias descritas por Cosson. Serão escolhidos os alunos que tem a função na leitura conforme o descrito pelo autor. Selecionaremos a função de 1 conector, 2 questionadores, 1 iluminador de passagem, 2 Ilustradores, 1 dicionarista, 1 perfilador. Cada um ficará ciente do seu papel no andamento da atividade de leitura e terão a oportunidade de ler o texto previamente para poder realizar a sua função no decorrer das atividades.

A motivação usada nesse módulo será um vídeo que mostra a realidade de adolescentes que necessitam sair de casa para trabalhar como doméstica e mães antes do tempo.

Apresentar os dados biográficos do autor e o contexto da obra, permitir que os alunos manuseiem o livro original onde o conto se encontra. Ativar o conhecimento prévio a partir do vídeo motivador para que eles possam dizer sobre o que possivelmente o conto narra, e o que os alunos sabem sobre a cidade onde o conto se passa. No momento seguinte, serão escolhidos os alunos e suas funções durante a leitura. Para cada um deles, será dado um bloco para registro de dados relevantes, durante o processo, que poderão ajudá-los no cumprimento de suas funções. Iniciaremos a leitura do conto de forma compartilhada das páginas 1 a 10. Faremos um pequeno intervalo para realizar as conexões (texto-leitor, texto-mundo, texto - texto) A conexão texto-texto será realizada, nesta proposta de ensino, a partir do segundo conto, pois entende-se que agora ele já conhece um texto com as mesmas características e pode estabelecer conexões como texto anterior. Comparando aspectos semelhantes e os elementos da cultura regional que se encontram no conto, bem como os geográficos e ambientais descritos neste início de conto. Continuar a leitura da 10 até a página 25, registrar, no cartaz, as opiniões dos alunos sobre com quem deveria ficar a guarda da menina Vicentina. Permitir que os alunos levem o texto para casa para fazer a leitura individual estimulando a autonomia.

2º momento: Antes de iniciar a leitura do texto literário o professor lerá para os alunos os artigos do ECA que postulam sobre a guarda do menor em caso de perda

dos pais. Promover o debate sobre como seria a sorte de Vicentina se o ECA existisse na época em que a obra foi escrita, neste tópico deve-se contar com a ajuda do aluno que recebeu a responsabilidade de conectar da obra com a realidade. Prosseguir com a leitura de *STOP* em que o professor interrompe com a palavra *STOP* e o aluno indicado deve prosseguir a leitura. Ler as páginas 25 até 40. Neste momento, ouviremos as palavras que dicionarista já registrou em seu bloco de anotações, na tentativa de descobrir o significado com elementos do texto. Também neste momento, haverá a participação dos alunos responsáveis em fazer o papel de questionador que deverão fazer perguntas aos colegas a respeito do texto, como por exemplo “*Por que o marido aceitou casar-se com ela e a trata de uma maneira muito cruel? Ou A sorte que Vicentina teve é comum as meninas de nossa região?*”

3º momento: Iniciaremos com as considerações do conector que ficará responsável em relacionar o tema da obra com algum fato da atualidade que pode ser abordado através de notícia, reportagem, vídeo e outros. Logo em seguida, o iluminador de passagem fará suas postulações a respeito de alguma passagem do conto que lhe chamou a atenção até este momento da leitura. Segue-se com a leitura da página 41 até o final do texto. Pedir que cada aluno relate o que sentiu no momento do clímax em que a personagem se vê perdida no meio da mata e tem evidências de que a filha está morta. Abrir espaço para a apresentação do perfilador, que ficará responsável em descrever o perfil feito por ele das personagens principais do conto, questionar se os alunos concordam com o perfil dado pelo perfilador.

4º momento: Os ilustradores mostrarão o que eles elaboraram com ilustração do ambiente da obra. Neste momento, também o sintetizador faça o resumo da obra lida e suas principais impressões é a hora também de avaliar a atividade em um cartaz de síntese em que cada aluno definir em uma palavra a experiência com a leitura do conto. As palavras positivas e negativas serviram de base para a avaliação da atividade no diário de bordo.

### 3ª Oficina

Professora: Edriana Lúcia Fonseca de Moraes

Unidade escolar: Escola Municipal Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Nível de Ensino: 8º ano

Conteúdo: Leitura Literária.

Gênero: Conto “A casa Ilhada” - Milton Hatoum.

Tempo estimado: 3 encontros de 90 minutos cada.

Objetivos específicos:

- Perceber através da leitura as relações sociais e econômicas de Manaus de quanto espaço urbanizado.
- Posicionar-se criticamente a respeito do interesse do estrangeiro por conhecer o ambiente do interior da Amazônia.
- Identificar no conto diversidade da região Amazônica está além dos aspectos da biodiversidade.

1º momento O conto a ser trabalhado nesta oficina proposta será o conto “A casa ilhada” de Milton Hatoum como, “detonador”, motivação para a leitura apresentaremos aos alunos um vídeo institucional da prefeitura de Manaus destacando as principais atrações turísticas da cidade e suas peculiaridades. Então, os alunos poderão falar o que eles sabem sobre a cidade de Manaus descobrindo, assim, onde a narrativa se passa. Deixar que os alunos façam suas estratégias de antecipação sobre o assunto do texto fazendo um paralelo entre o título e o vídeo apresentado. Deixar que eles registrem no caderno suas hipóteses, fazendo a estratégia de antecipação, para observar se elas serão contempladas ao longo da leitura.

2º momento: Realizar a leitura compartilhada em que cada aluno terá oportunidade de ler e ouvir a leitura de outro colega. Também durante a leitura, será feito pequenos intervalos para discutir a ideia central, verificar as hipóteses que já foram alcançadas, e para que o aluno faça suas inferências sobre as personagens e o possível desfecho dando a todos a oportunidade de expressão. Neste momento, o professor fará análise dos elementos regionais encontrados na obra, bem como deverá conduzir o aluno a observar que a Amazônia não apresenta apenas aspectos naturais como ambientador para as obras aqui produzidas, discutir que aqui também temos problemas sociais, econômicos e ambientais como qualquer cidade

urbanizada e que tais aspectos chamam a atenção de pessoas de diferentes lugares do mundo. As hipóteses poderão ser registradas no quadro de ideias pelo professor. 3º momento: Ao final da leitura, os alunos poderão avaliar as hipóteses alcançadas e realizar a produção de um possível desfecho, já que o conto não deixa claro o que realmente aconteceu na casa ilhada. O autor dá uma possibilidade para que o leitor também dê suas hipóteses sobre o que aconteceu. As produções serão socializadas na turma para que os alunos possam discutir o que realmente aconteceu.

Ao término das oficinas, os alunos serão convidados a realizar a socialização das obras para os alunos do 6º ano. Em um sarau, cujo título será escolhido com eles e que poderá ter a presença de outras expressões artísticas da Amazônia além da Literatura.

#### **4.4 Resultados**

No período de desenvolvimento da proposta de intervenção, buscou-se aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem, sendo este o maior desafio do educador. Diante desta afirmativa, o planejamento e as ações da proposta de intervenção visou promover leitura literária, tomando o aluno como protagonista, bem como o espaço em que o mesmo está inserido para que ele seja capaz de reconhecer a cultura da qual faz parte, pois “temos que buscar ou construir técnicas de ensino a partir daquilo que existe em nossa frente, isto é, da realidade concreta das escolas e das necessidades dos educandos” (SILVA, 2005, p. 25). Desta forma os resultados alcançados, e aqui descritos, decorrem do planejamento, dos objetivos pré-estabelecidos e da possibilidade de diálogo da literatura com diferentes esferas do conhecimento.

As oficinas tiveram início conforme o previsto, com o uso das estratégias descritas na intervenção, houve um diálogo inicial sobre o tema e uma breve retomada da estrutura de um conto. Como se iniciou com um escritor Santareno, as falas e olhares curiosos foram surpreendentes. Em dado momento do desenvolvimento da atividade, houve aluno que afirmou que não imaginava que sua cidade possuía um autor, um contista e muito menos que esses contos pudessem estar editados em uma obra. Diante deste relato do aluno, observou-se que o primeiro ponto de destaque, que podemos mencionar, diz respeito a escolha dos contos, que consistia em apresentar primeiramente um autor santareno, seguido de um paraense, finalizando com um

manauara, dando a ideia de ampliação dos limites partindo do âmbito local para o regional.

Imagem 01 – Alunos em contato com o texto literário.



Fonte: Arquivo pessoal.

A escolha dos contos também permitiu que o pesquisador-participante e os alunos envolvidos na ação pedagógica, articulassem o conhecimento prévio aos novos conhecimentos adquiridos através do contato e leitura desses textos. Diante disto é considerável ressaltar que o objetivo maior foi alcançado, que era oferecer o acesso à leitura de texto literário, considerando que o espaço de leitura artístico literária, na escola, é pequeno e ainda menor quando se trata de Literatura Brasileira de Expressão Amazônica.

Como se afirmou nos capítulos anteriores, a realidade escolar, da região do Brasil que compreende a floresta amazônica, necessita de projetos com essa temática, pois é uma forma de significar a realidade. “Propiciar a criança o contato com o acervo literário de nossa região, torna a compreensão da realidade de seu mundo circundante mais fácil” (SOUZA1, 2009, p. 32).

Durante a realização da primeira oficina, com o conto “as outras histórias de boi Pitinga” de Felisberto Sussuarana, diferentes situações se apresentaram, algumas delas positivas e outras nem tanto, como o fato de que a proposta visava, disponibilizar uma sala temática para que as oficinas fossem realizadas em um único ambiente. Isto não foi possível devido as dificuldades estruturais da escola, portanto as oficinas foram

realizadas na própria sala de aula. O fato da sala não está ambientalizada, não influenciou no desenvolvimento das atividades.

No decorrer do desenvolvimento das oficinas foi possível manter o passo a passo descrito na proposta de intervenção com a sequência de motivação, introdução, leitura e construção de sentidos.

As atividades introdutórias, que iniciavam a abordagem de cada conto, foram capazes de despertar um grande interesse dos alunos, pois foi possível perceber olhares curiosos a fim de desvendar o tema de cada narrativa. As ações de conhecimento prévio, das oficinas, foram elaboradas de forma que permitissem uma recepção agradável pelos alunos, e que remetesse de forma direta ao contexto de cada narrativa. O uso de recursos tecnológicos neste momento das oficinas contribuiu de forma expressiva para o desenvolvimento e conseqüentemente para o êxito da proposta.

Durante a motivação, da primeira oficina, os alunos contribuíram com o debate expressando diferentes opiniões acerca do tema. Diante do texto literário, foi enorme a reflexão sobre a realidade descrita no conto, porém o contato inicial com textos dessa natureza, gerou um certo desconforto devido a linguagem rebuscada adotada pelo autor no início da narrativa, entretanto esse fato foi superado a medida que os discentes foram se envolvendo com a temática de cada conto e a progressão das atividades sugeridas.

Entre as impressões relatadas pelos alunos acerca da leitura literária proposta, ou seja, sobre os textos de LBEA, temos: *“A5. Eu nem sabia que havia escritores na Amazônia, muito menos em Santarém, esse conto é legal”*.

Nestes primeiros contatos de realização das oficinas, foi possível, com a leitura do conto, estabelecer a interdisciplinaridade com a disciplina curricular de Estudos Amazônicos, fato que não estava previsto no projeto de intervenção, mas dado a dinâmica da turma frente a leitura do texto literário, o professor, da referida disciplina, aproveitou o conhecimento adquirido, através do conto, para efetivar os saberes de aspectos importantes em sua matéria tais como: a economia da região, descrita na narrativa, e a importância do rio para as cidades da Amazônia. Essa dinâmica interdisciplinar, culminou com uma aula-passeio ao centro cultural Joao Fona, local de nossa cidade que guarda a memória de fatos importantes da região, como a galeria dos governantes municipais e outros ambientes de exposição, que permitem a

reflexão acerca da realidade amazônica. Desta forma, comprovamos que práticas de leitura, como esta podem ajudar na formação de sujeitos críticos e reflexivos e que tem a oportunidade de ver na literatura uma diversidade de sentido que lhe edificam a vida. O diálogo com outra disciplina, do currículo escolar, oportunizou vivenciar situações da vida real de maneira diferenciada, aproximando as experiências descritas no texto literário com experiências cotidianas, promovendo uma interação na busca da construção dos sentidos do texto.

Imagem 02 - Aula passeio centro cultural João Fona.



Fonte: Arquivo pessoal.

A realização da visita ao centro cultural da cidade, onde a pesquisa foi desenvolvida nos comprova que “a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo” (COSSON, 2016, p.38). o diálogo com outra disciplina permite efetivar que a literatura tem um papel a cumprir no contexto escolar como possibilidade de ação interdisciplinar, “onde as tarefas sobre a leitura são propriamente do tipo *aberto*, a possibilidade de respostas múltiplas.” (COLOMER, 2007, p. 186), ou seja, o texto literário possui componentes estruturais que permitem diálogo com diferentes esferas do conhecimento.

Imagem 03 - Observação do acervo cultural.



Fonte: Arquivo pessoal.

No que diz respeito a estratégia de leitura escolhida para este conto, avalia-se como positiva e de fácil realização, pois a cada estratégia utilizada ampliava-se as possibilidades de compreensão da temática, alcançando o objetivo de perceber as relações sociais do espaço amazônico, bem como o reconhecimento da diversidade linguística da região, onde podemos concluir que palavras do vocabulário regional, utilizadas na época em que o conto se passa, ainda se perpetuam em dias atuais, bem como as crendices e costumes de Santarém, pois estes são saberes culturais que caracterizam o espaço.

Grande parte dos amazônicos não valoriza, não acredita que a sua sabedoria possa ajudar no que julga ser melhor saber. Não acredita que é importante para as gerações atuais valorizar essa herança que está em suas origens, proporcionando a identificação com sua cultura (SOUZA1, 2009, p. 19).

Por meio de síntese escrita, produzida no último encontro dessa oficina, percebeu-se que a maioria dos alunos consideraram o desenvolvimento da leitura literária, uma atividade satisfatória e bem desenvolvida. Nas sínteses produzidas pelos alunos e lidas pelo pesquisador-participante e observada de forma quantitativa temos: das 24 produzidas, 2 alunos, disseram se tratar de um texto como outro qualquer, e 22 afirmaram, se tratar de uma atividade diferente, das outras atividades realizadas

no cotidiano, e que proporcionaram aprendizagem e ainda que gostaria de ler outras obras do mesmo autor. De forma qualitativa observou-se que os alunos recorriam aos seus referentes culturais para construir o sentido do texto, portanto esse fato configurase como facilitador da compreensão da temática da narrativa.

Na segunda oficina, com o conto “A sorte de Vicentina” do autor José Veríssimo, iniciamos com a escolha dos alunos que teriam funções durante a atividade, conforme a estratégia de leitura descrita por Rildo Cosson (2014) e adotada para intervenção. A escolha dos alunos e suas devidas funções foi realizada através de sorteio, porém apesar de ter sido usado o critério sorte, houve uma espécie de “ciúme” entre os alunos escolhidos e aqueles que não foram contemplados pelo critério adotado. Os alunos completados com suas funções, conforme descrito nas oficinas, levaram o texto para casa, para que eles pudessem realizar a leitura prévia do conto, onde cada um retornaria para a sala de aula com o cumprimento de sua função, de modo que as informações coletadas pudessem enriquecer a realização das outras estratégia de leitura, prevista na metodologia, mas nem tudo saiu como planejado. Os alunos não realizaram o retorno esperado, a maioria não cumpriu com a sua função, ou seja, a estratégia de leitura escolhida, demandou uma certa dificuldade de ser realizada, talvez pelo longo período sem aula, na referida turma, por conta de um feriado, seguido de jogos escolares, ou ao mesmo tempo, constatou-se que faltou um pouco mais de compromisso por parte dos alunos e um reforço, no sentido de sensibilização por parte do pesquisador participante.

As referidas funções atribuídas aos alunos, e não cumpridas, foram realizadas pelo pesquisador-participante. As demais etapas da oficina desenvolveram-se conforme o previsto.

Um ponto positivo é que a abordagem dos elementos regionais, em destaque na narrativa, contribuiu para análises profundas e diálogos com outras áreas do conhecimento que enfatizam aspectos ambientais.

Outro ponto importante, que merece destaque é acerca do debate sobre quem deveria ficar com Vicentina, personagem central do conto, pois se tornou uma oportunidade ímpar de aquisição de conhecimento sobre ECA (Estatuto da criança e do Adolescente) em que se observou através do conto a necessidade desse tipo de iniciativa em defesa da infância e adolescência. De acordo com esta reflexão podemos

concluir que abordagem desse tema, a partir do conto, se torna um conhecimento que se perpetua na vida do aluno, e cumpre com o papel que a literatura tem em significar a vida.

Assim o texto literário ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana e oferece instrumentos para compreendê-la, posto que, ao verbalizá-la cria um espaço específico no qual se constroem e negociam os valores e o sistema estético de uma cultura. Essa ideia básica contribui para a nova argumentação sobre a importância da literatura no processo educativo (COLOMER, 2007, p. 27).

Diante deste fato compreende -se que a leitura literária nos permite debater temas do cotidiano em uma perspectiva construtivista de aprendizagem cultural e social.

Imagem 04 - Momento de leitura compartilhada.



Fonte: Arquivo pessoal.

Na etapa em que os alunos destacam suas impressões sobre o clímax do conto, constou-se através de análise quantitativa que apenas 3 dos 24 alunos, não se sentiram envolvidos pelo drama da personagem, os demais relataram com ênfase suas impressões de desespero, fato que comprova que a maioria dos estudantes estavam envolvidos com a sequência dos acontecimentos na narrativa.

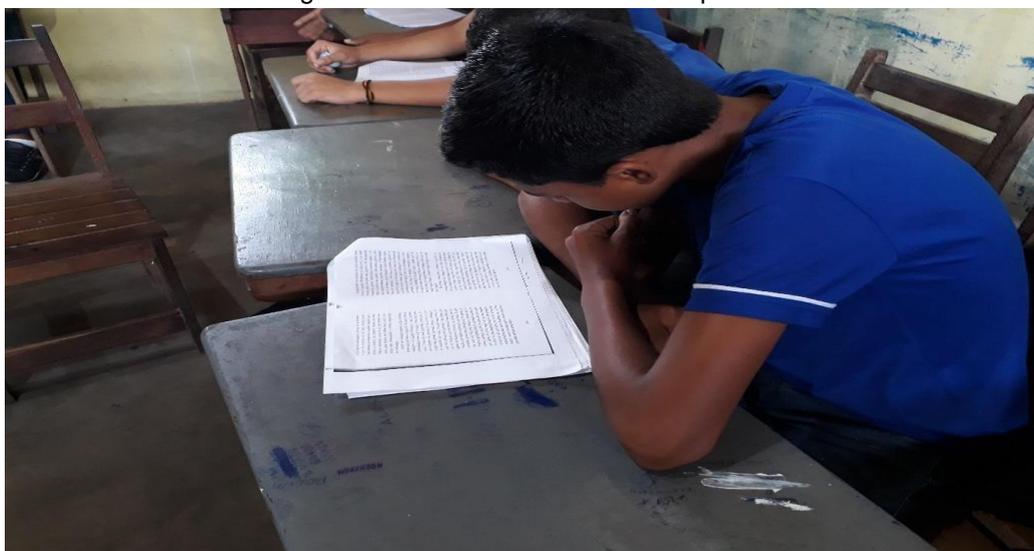
Um ponto de encontro entre os alunos e narrativa, foi a descrição do amanhecer amazônico, pois através dessa pormenorização de elementos naturais presentes no texto, percebeu-se que o cenário do conto é semelhante ao espaço em que os alunos residem, visto que ambos situam-se na Amazônia e mostrou-se um excelente atrativo motivador, que nos revela que os alunos conseguiram realizar a estratégia de conexão (texto-leitor, texto-mundo, texto-texto), como nos sugerem as autoras Giroto e Sousa

(2010). Diante deste fato, percebesse “que o aluno faz naturalmente a conexão do texto com a vida real, com seu cotidiano, entrelaçando o que foi representado no conto com o mundo do qual ele faz parte.” (SOUZA, 2010 p. 30)

Diante do relatado, ainda que tenha ocorrido dificuldades iniciais com relação a estratégia de leitura adotada, para este conto, o trabalho proposto e realizado, conseguiu atingir seu maior objetivo que é promoção do encontro entre o aluno e a Literatura Brasileira de Expressão Amazônica.

A terceira oficina ocorreu logo na sequência das anteriores e teve muitos ganhos, dado o fato de que nessa abordagem, os alunos já estavam habituados à motivação prévia, portanto, tornou-se fácil reconhecer o espaço em que o conto se dá. A linguagem adotada, pelo autor, um pouco mais contemporânea e, portanto, próxima da linguagem dos alunos, facilitou que as antecipações dos educandos fossem assertivas, pois além do vídeo, detonador do tema, e o título, contou-se também com a experiência que a maioria dos alunos possui com a cidade de Manaus, onde o conto se passa, pois é comum entre os santarenos alguma relação de afetividade com a capital Amazonense, devido a mesma simboliza ascensão econômica, visto que muitos moradores da região partem para essa cidade em busca de trabalho. Diante disso, têm-se nos contos trabalhados, estratégias de motivação bem-sucedidas, pois foram capazes de estabelecer laços do cotidiano do aluno com os textos. Ao longo da leitura do conto as estratégias de antecipação foram sendo contempladas e debatidas com o grupo.

Imagem 05 - Momento de leitura compartilhada.



Fonte: Arquivo pessoal.

A leitura compartilhada foi um ganho excelente, pois os discentes já apresentavam segurança na realização da atividade diante dos outros colegas de turma. Essa ação configurou-se como relevante, durante todo o processo, pois, o pesquisador-participante, permitiu que o aluno fosse o protagonista do ato de ler, pois nele o discente construía suas hipóteses e os sentidos do texto, contato com o suporte do “trabalho cooperativo entre os alunos, de modo que socializem seus interesses suscitados e se construa uma interpretação mais complexa, graças ao intercâmbio entre leitores e à intervenção docente.” (COLOMER, 2007, p.187). A leitura compartilhada, constitui-se como um momento de rica experiência, troca de ideias e esclarecimento de eventuais dúvidas acerca do significado, escrita e pronúncia de palavras que ainda não compunham o vocabulário do aluno.

Dada as características do conto, “A casa Ilhada” – Milton Hatoum, os educandos se sentiram atraídos em desvendar o final, visto que o mesmo fica subentendido. De acordo com este fato foi possível aplicar uma atividade de produção de um possível final para o conto. Cabe ressaltar, que a produção de um novo final foi enriquecedora, pois era grande a iniciativa dos alunos em continuar o debate sobre o tema. Este fato nos comprova que além da atividade de leitura, o conto nos proporciona grandes possibilidades de efetivação de diferentes saberes no ensino de língua portuguesa como a ampliação da competência na escrita. Nas produções podemos destacar: A 19 *“Eu gostei do conto “a casa ilhada” porque é divertido e acabou com um mistério, não terminou como os outros contos. Teve suspense, romance e um interrogatório, eu iria gostar mais se soubesse o final, mas vou buscar na internet.”*

Durante a produção, acima descrita, tivemos a oportunidade de rever aspectos como a paragrafação, os sinais de pontuação e ortografia através da reescrita. Após a reescrita dos textos os alunos socializaram seus possíveis finais para o conto onde, o debate sobre a temática pôde ser ampliado.

Encerramos a abordagem com a culminância das oficinas juntamente com a feira do conhecimento da escola, pois não se encontrou no calendário escolar uma data para a possível realização da culminância, conforme estava previsto no projeto de intervenção, dado ao fato de que os outros eventos extra classe, já estão previstos no projeto político pedagógico da escola, portanto a conclusão de um projeto que era

de livre iniciativa do pesquisador- participante , não era visto como prioridade dentro de um cotidiano pré-estabelecido.

Nesta apresentação ao público, um grupo de 6 alunos, foi escolhido para socializar à comunidade escolar o conhecimento adquirido em sala de aula. Neste evento, além do texto literário, os alunos puderam falar também, sobre outros temas que envolvem a Amazônia como a culinária e a economia, através dos ciclos exploratório, descrito aqui, em capítulos iniciais. Era enorme a satisfação dos expositores em falar sobre a Literatura Brasileira e de Expressão Amazônica, principalmente no que diz respeito as narrativas e suas peculiaridades como a descrição do local onde os contos se passam.

Imagem 06 - Socialização dos contos na feira do conhecimento.



Fonte: Arquivo pessoal.

O público visitante do trabalho mostrou grande interesse, pois a maioria também relatou desconhecer autores da região amazônica. É considerável ressaltar que de maneira geral, apesar dos contratempos, o desempenho da turma foi satisfatório, atendendo as expectativas do pesquisador-participante. Em nenhum momento da realização das atividades, houve qualquer tipo de recusa, ou resistência por parte dos educandos, o que nos leva a concluir que os alunos estão dispostos a se envolver em atividades que tenham sentido em suas vidas e que acionem conhecimento de seu cotidiano, pois como afirma Abreu (2004) o leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecimento, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto.

Imagem 07 - Socialização dos contos na feira do conhecimento.



Fonte: Arquivo pessoal.

Após a conclusão das etapas previstas no projeto de intervenção, solicitou-se dos aprendizes uma síntese escrita em que eles pudessem avaliar o desenvolvimento das atividades.

A atividade ofereceu um parâmetro para responder à pergunta – problema. “Como o ensino de leitura literária usando como estratégia contos de Literatura Brasileira de expressão Amazônica pode contribuir para a ampliação da competência leitora?”. Durante todas as etapas, no período observação, da recepção dos alunos, aos contos em questão, foi possíveis responder esse questionamento, porém a atividade escrita nos permitiu efetivar o que era apenas hipótese. Das 24 produções recebidas, todas foram unânimes em considerar a atividade como muito importante, “A2. A leitura é muito importante, encontramos palavras que não conhecemos e o conto fica em nossa vida para sempre”.

A maioria, total de 21, deles afirma que a leitura compartilhada e a estratégia do STOP, foi muito positiva, pois cada aluno teve a oportunidade de ser ouvido durante o processo de leitura. A3. “Gostei da leitura em voz alta, pois assim entramos em harmonia e entendemos o texto juntos”.

Em meio a tantos leitores é comum encontrarmos aqueles que apresentam uma experiência maior com a leitura, que já tem seu gosto e sabe fazer suas escolhas, talvez esse seja o leitor mais difícil de ser conquistado, pois ele pode ser resistente a uma nova opção. Em uma das produções encontramos quem defendesse suas preferências, mas que se deixou conquistar pelas características da narrativa. A6. *“Eu gosto de livros americanos, romances atuais, mas amei os contos da nossa região, quero ler muitos outros”*. Desta forma, compreende-se que a intervenção ampliou as possibilidades de experiência literária em que o leitor de um único gênero se depara com narrativas enriquecedoras de temática pertinentes ao seu cotidiano.

No que diz respeito ao contexto amazônico, podemos comprovar que foi sem dúvida o maior motivador da leitura, pois foi notória a identificação dos aprendizes com as narrativas, fato que pôde ser comprovado a todos os momentos.

A4 “São grandes textos e despertam nossa curiosidade”.

A10 “A preservação de nossa cultura é muito importante para nossa vida”.

A18 “Gostei dos contos de nossa região, muitos autores desconhecidos, que falam muito bem de nossa cultura e do nosso jeito de viver.”

A 4 “O texto fala do nosso mundo real”

A 7 “Através desses textos entendemos nosso jeito de ser”

Diante disto, podemos ser solidários na defesa do encontro, cada vez maior, entre o aluno de nossa região e a Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, os alunos demonstraram grande interesse na leitura das narrativas escolhidas, “Trazer esta realidade para o sistema de ensino, estabelecer relações de trocas simbólicas é um dos sentidos da educação”.( Fares, 2013, p.83 ). A relevância desse tipo de projeto é fundamental, pois é um excelente motivador da leitura, portanto a LBEA pode sim contribuir para a ampliação da competência leitora, pois são textos que, de acordo com a hipótese levantada e comprovada com a opinião dos alunos, retratam a realidade sócio cultural dos alunos, portanto a aceitação tende a ser maior, e isso realmente ficou claro em vários momentos das atividades, pois os alunos reconheceram-se no universo cultural, fato que tornou a leitura interessante e de alguma forma, criou uma atmosfera de posse e pertencimento ao contexto das obras lidas. A valorização da cultura se fez presente na maioria do discurso dos alunos, mas não podemos deixar de mencionar a influência do professor-pesquisador na preferência dos discentes, como podemos comprovar em:

A7: “Não gosto de ler, mas saber que tenho uma professora de português que gosta de ler com a gente, me motiva. Agora acho a leitura importante para a vida. A leitura acalma nossa mente(...)

Porém, com essa evidência é possível refletir que não se pode deixar que o aluno fique preso apenas nas escolhas do professor. Espera-se que a experiência com a leitura literária potencialize o desenvolvimento crítico e a partir de então, o aluno possa pensar e questionar o que lê sendo capaz de realizar suas próprias escolhas, caminhando cada vez mais ao exercício de leitura autônoma.

No que diz respeito ao papel humanizador a literatura, foi possível realizar reflexões sobre diferentes temas do cotidiano, fato que destaca a universalidade dos textos, numa perspectiva interdisciplinar, pois através da literatura é possível ver o mundo dos outros e conhecer os saberes culturais armazenados, diante disto foi possível debater e refletir acerca de temas como: o trabalho infantil, os desafios da mulher na sociedade, em uma visão atual e antiga, considerando suas possíveis conquistas, a situação dos animais de carga, alcoolismo, violência doméstica. Esses temas são temas recorrentes em qualquer sociedade e que a literatura nos traz como forma de refletir sobre a realidade, expressando assim seu papel humanizador como entenderam os educandos:

A7. “Conheci obstáculos da vida de outra pessoa. É bom saber que não é só em nossa casa que tem problemas”.

A8. “Vi que a mulher era escrava do marido, e fiquei triste”.

A4 “Me chamou atenção a questão social dos maridos bêbados que batem nas esposas”.

Ainda de acordo com a sínteses, e de forma quantitativa o conto preferido dos alunos foi “As Outras histórias do Boi Pitinga” do Santareno Felisberto Sussuarana com 10 preferências dos 24 alunos, os demais se dividiram entre “A casa Ilhada”, de Milton Hatoum, com 8 preferências e “A Sorte de Vicentina”, de José Verissimo, com 6 das preferências dos alunos. Neste caso o critério que os alunos consideram foi a tema da narrativa, o enredo, a trama, o desfecho e não a estratégia de leitura abordada.

No que se refere as estratégias de leitura abordada, o pesquisador-participante compreende que as três são relevante, pois como mencionou-se anteriormente as mesmas, possuem aspectos em comum, porém considera-se a sequência descrita por Renata JUQUEIRA e Cintia GIROTO , como aquela de melhor aplicação, e a

estratégia de leitura descrita por Rildo COSSON, em dar função ao educando na atividade de leitura, como aquela que necessita de bastante estímulo e atenção para poder se efetivada com êxito.

Embora dificuldades tenham se apresentado ao longo do caminho, os resultados obtidos, satisfizeram os anseios do pesquisador participante, pois contribuiu-se para a divulgação da Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, e conseqüentemente para valorização cultural, bem como, a ampliação notória do nível de compreensão dos alunos, acerca do espaço onde ele vive, e ainda o contato com a leitura literária, permitiu uma reflexão sobre sua condição de leitor e desejo de realizar outras leituras. Não podemos deixar de mencionar que os debates e reflexões realizados nos intervalos da leitura de cada conto permitiram interpretações coerentes, desta forma estimulou-se o pensamento crítico e a realização das conexões entre o texto e as experiências pessoais de leitura e de mundo. O texto literário conforme no diz Cosson (2006), possibilita uma relação de proximidade, pois permite que o leitor estabeleça um diálogo como o mundo dos outros e enxergue além do que está escrito

Os resultados obtidos neste relato corroboram com os resultados obtidos por outros pesquisadores como conclui a mestre Marcia Alessandra quem em recente defesa diz que:

Os alunos leram textos literários; fizeram associações com lendas e mitos presentes no festival folclórico da escola, além do resgate de estórias próprias da Amazônia, que vão sendo contadas de geração a geração promovendo a valorizando cultural; produziram textos de diferentes gêneros que demonstraram o nível de compreensão desses alunos e habilidades de escrita já desenvolvidas e a se desenvolver; usaram a oralidade tanto na exposição do que compreenderam na leitura, quanto em gêneros mais formais como a exposição; refletiram sobre sua condição de leitor e desejo de realizar outras leituras. Tudo isso me faz acreditar que vale a pena valorizar a literatura e tê-la como centro de um planejamento didático (LEMOS, 2017, p. 96).

Diante de tudo que se observou é possível afirmar que a Literatura Brasileira de Expressão amazônica necessita ter seu espaço na sala de aula, pois a diversidade cultural possibilita um leque de informações capazes de aprimorar a atividade de leitura, sendo um importante motivador do conhecimento e ampliação da competência leitora. É necessário oportunizar aos alunos diferentes atividades de leitura, desta forma, que uma delas seja através de textos que representem a sua cultura, dando a oportunidade de conhece-la e valoriza-la, ampliando o acesso a essa e a outras expressões literárias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado foi edificante ao pesquisador – participante. Através das leituras realizadas foi possível refletir acerca das teorias que norteiam o ensino de leitura, especificamente de leitura literária, o estudo possibilitou também o conhecimento de aspectos históricos e literários do espaço amazônico, resultando em uma profunda reflexão sobre como o discurso do colonizador frente ao colonizado se faz presente em obras literárias, ou não literárias, e que muito do que se fez na colonização da Amazônia, visava tão somente atender a necessidade do colonizador. O conhecimento dessas peculiaridades, nos ajuda a compreender por que os textos de LBEA ainda não estão presentes nos livros didáticos ou nos paradidáticos, que alcançam a escola. Compreender a obra artística-literária é também perceber o seu contexto histórico, pois com a sua percepção é possível conhecer a carga ideológica no discurso do autor.

Além desse conhecimento sociocultural dos textos de literatura brasileira de Expressão Amazônica, o estudo nos permitiu refletir como o acesso dos alunos à texto desta natureza precisa ser facilitado, pois eles por si só possuem a grandeza de motivar, instigar e despertar a curiosidade pela leitura, bem como, possibilita ao aluno a reflexão sobre a sua realidade e coloca o mesmo em condições de compreender seu papel na sociedade. Desta forma as narrativas de LBEA necessitam ter seu público ampliado. O papel do professor é promover este encontro com compromisso, e de forma bem planejada, utilizando as estratégias de leitura possíveis a fim de gerar, nos educandos, o desejo por buscas autônomas e individuais de leitura.

Sendo assim, conclui-se que o trabalho supriu a necessidade dos aprendizes, do 8º ano do da Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que possuíam um conhecimento sobre o folclore regional, porém pouco se refletia na valorização cultural, o que denotava a necessidade de uma atividade de intervenção, como esta que foi realizada, especificamente direcionada ao ensino de leitura literária. A pesquisa em si, possibilitou perceber que alunos e escola, encontram-se de “braços abertos” para projetos de valorização cultural e leitura, desta forma, respondendo à pergunta problema, conclui-se que a Literatura Brasileira de expressão Amazônica contribui de

forma edificante para a ampliação da competência leitora do leitor literário e sem dúvida para a apropriação da cultura e formação sociocultural dos aprendizes do espaço escolar onde a pesquisa foi aplicada.

A possibilidade de compartilhar o ato de ler, a socialização do conhecimento, a expressão oral e a produção de sínteses, bem como as reflexões diante das estratégias de leitura adotadas, foram sem dúvida pontos-chaves que resultaram em muito conhecimento e a percepção de que a LBEA é muito mais do que folclore, é uma atitude de pertencimento e valorização.

É evidente que o trabalho não se encerra por aqui. As ações agora devem ser em torno de incluir o projeto de leitura literária, de Literatura brasileira de expressão Amazônica, no Projeto Político Pedagógico desta e quem sabe de outras escolas, da região, pois, entende-se que, uma vez estando no documento oficial que rege a ação pedagógica do espaço escolar, ainda que a pesquisador-participante deixe de trabalhar no local, a abordagem literária irá continuar, pois como afirmou-se durante a pesquisa, a literatura é um direito. Além deste fato a intervenção atende os pressupostos da Base Comum Nacional, que prevê a leitura literária, também como forma de valorização cultural.

A prática desenvolvida compreende a literatura como direito, um bem “imprescindível, indispensável e insubstituível” (CANDIDO, 2011). Direito não deve ser negado e a literatura deveria estar entre os mais necessários como: saúde, alimentação e moradia, pois não é um bem supérfluo, é uma necessidade que humaniza.

Além da responsabilidade e compromisso do professor em promover a leitura literária, não podemos deixar de mencionar o papel e o dever do estado em equipar e manter salas de leitura e biblioteca como espaços indispensáveis no cotidiano escolar, para que atividade como esta e outras se efetivem de maneira satisfatória, para que o aluno possa fazer suas escolhas, pois estruturas, materiais e instrumentos de mídia e outros potencializam a ação pedagógica.

Diante dos resultados positivos, da proposta de intervenção, e a aceitação dos educandos, compreende-se que o fazer pedagógico deve apresentar modificações significativas. O contato dos alunos, apenas com os textos que estão nos livros didáticos, não é suficiente. É preciso proporcionar diferentes experiências literárias, entre elas com texto de cotidiano amazônico, pois entendem que se ampliando as

experiências com o texto literário, amplia-se também o nível de compreensão dos educandos.

A dificuldade de incluir a leitura artística-literária nas aulas de língua portuguesa precisa ser superada. Diante do conhecimento adquirido pelo pesquisador participante e pelos resultados obtidos é possível concluir que o sucesso de trabalhos posteriores, para a formação do leitor literário, depende do interesse e compromisso do professor, aqui em questão, para tal é preciso considerar a busca constante de conhecimento e o enfrentamento das dificuldades que se apresentem no cotidiano escolar.

É necessário considerar a literatura como um direito, uma atitude política, da qual o professor não pode se esquivar. É papel do professor promover o contato do aluno com a literatura. Espera-se que o curso de mestrado se configure como mudança de comportamento, e que o conhecimento adquirido no curso, e como as experiências compartilhadas com os colegas, reflita na prática em sala de aula, em que os maiores beneficiados com o conhecimento serão os educandos.

Desta forma, diante de tudo que foi exposto, entende-se que a proposta pedagógica aplicada, constitui-se como um apoio didático capaz de promover o contato entre aprendizes e a literatura brasileira de Expressão Amazônica e espera-se que ele sirva de apoio, modelo para que outros professores, como forma de abordar e valorizar a literatura da Amazônia, bem como outras expressões artísticas, pois a literatura permite abordagem em diferentes esferas com conhecimento e sem dúvida possibilita ação pedagógica para o ensino de leitura, oralidade, escrita bem como a consciência e reflexão literária.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Marcia. **Cultura letrada: Literatura e Leitura**. São Paulo: UNESP, 2004

AGUIAR, Vera Teixeira de. **O saldo da leitura**, In: DALVI, Maria Amélia, REZENDE, Neide Luzia de, JOVER-FALEIROS, Rita (org.). *Leitura de Literatura na Escola*, São Paulo: Parábola, 2013.

AIRES, Romário dos Anjos. **“Literatura Brasileira de Expressão Amazônica: Perspectivas e concepções”**. Disponível em: [www.percodicos.unifap.br/index.php/letras](http://www.percodicos.unifap.br/index.php/letras). Acesso em: 18 de agosto de 2017.

ANTONIO FILHO, F.D. - **A Visão da Amazônia Brasileira: Uma avaliação do pensamento geográfico entre 1900-1940**. Rio Claro, SP, IGCE-UNESP, Tese de Doutorado, 1995.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: um pouco-antes e além-depois**. 2ª edição. revisada. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010.

\_\_\_\_\_. **Amazônia – Formação Social e cultural** 3ª edição – Manaus: Editora Valer, 2009.

BEZERRA, José Denis. **“Literatura amazônica para quê?”** Disponível em: [portalclic.files.wordpress.com/2012/03/literatura-amazonica-para-que-jose-denis-deoliveira-bezerra.pdf](http://portalclic.files.wordpress.com/2012/03/literatura-amazonica-para-que-jose-denis-deoliveira-bezerra.pdf). Acesso em 30 de julho de 2017.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 46.

BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SEF, 2017

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso - Leitura e formação**, 1ª edição, São Paulo: Pulo do Gato, 2015a.

CASTRO, Ferreira de - **A Selva**. (36ª edição). Lisboa (Port.), Guimarães Editores, 1986. - CRULS, Gastão - **A Amazônia Misteriosa**. São Paulo, Saraiva, 1957. (Coleção Saraiva - II5).

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 7ª. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993, 2 v.

CANDIDO, Antônio. **O direito a Literatura** In:\_\_\_\_\_vários escritos. Rio de Janeiro/ São Paulo: Ouro sobre o Azul/Duas cidades,2004 p.169-191.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler**. In: CASTRILLÓN, Silvia. O direito de ler e de escrever – tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Editora Pulo de Gato, 2011. \_\_\_\_\_ . **Leitura: Educação e democracia**. In: CASTRILLÓN, Silvia. O direito de ler e escrever -tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Editora Pulo de Gato,2011.

COLOMER, Tereza. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual / Tradução Laura Sandroni – São Paulo: Editora Global,2003. \_\_\_\_\_ . **Andar entre livros**: a leitura literária na escola / Tradução Laura Sandroni – São Paulo: Editora Global,2007.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e Letramento literário**. São Paulo: Contexto,2014  
\_\_\_\_\_. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Ivair da Silva. **Mitos amazônicos em defesa do meio ambiente: pressupostos éticos -teológico do potencial de defesa ecológica presente nos mitos ribeirinhos de Santarém**. Santarém- PA: gráfica e editora Tiagão,2006.

COUTINHO, Afrânio. **A literária no Brasil**, co-direção de Eduardo de Farias -7ª edição - São Paulo: Global, 2004.

CRULS, Gastão - **A Amazônia Misteriosa**. São Paulo, Saraiva, 1957. (Coleção Saraiva - II5).

CUNHA, Euclides da. **Amazônia – Um paraíso perdido** / Organização :Tenória Telles.2ª edição. Manaus: Editora Valer,2011.  
\_\_\_\_\_- **Obra Completa**. Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar Editora, 1966. (2 vols.) –

Dalcídio Jurandir. In; **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo; Itaú Cultural 2018. Disponível em; [http:// enciclopédia. Itaú cultural. Org./br pessoa 19092/da Jurandir z](http:// enciclopédia. Itaú cultural. Org./br pessoa 19092/da Jurandir z Acesso em 27 de jul. 2018) Acesso em 27 de jul. 2018.

ECO, Umberto, **A literatura contra o efêmero**. Folha de S. Paulo. São Paulo, 18 fevereiro, 2001.

FARES, Josebel Akel. **Texto e pretexto: uma experiência de educação contextualizada a partir da literatura feita por autores paraenses**. SEMEC – Belém,1988.

FERNANDES, J. G. dos S. **Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura amazônica ou literatura da Amazônia?** In. Revista Moara. Nº 23, pp. 178 – 189.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** - 50ª edição – São Paulo, Cortez, 2009.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

GIROTTI, Cyntia Graziela Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. **Estratégias de leitura: Para ensinar alunos a compreender o que leem**. In:

HATOUM, Milton. **A cidadeilhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. LIRA, Bruno Carneiro. O passo a passo do trabalho científico. 2ª edição – Petrópolis, RJ: Vozes 2014.

JUNIOR, Peregrino. **Três ensaios**, Livraria São José, Rio de Janeiro, 1969.

LAJOLO, Marisa. **Linguagem e letramento em foco: Meus alunos não gostam de ler. O que eu faço?** Campinas: Cefei/IEL/Unicamp, 2005.

LE MOS, Marcia Alessandra de Freitas **Além da vitrine: de espectador a leitor – uma proposta de leitura de literatura brasileira de expressão amazônica no 9o ano** / Márcia Alessandra de Freitas Lemos. – Santarém, Pará, 2017. 126 fls.

LITERATURA: **O ensino fundamental**/ Coordenação Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson. - Brasília: ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 204.: il: (coleção Explorando o Ensino; v. 20)

LOUREIRO, J. P. P. **Mundamazônico: do local ao global**. Disponível em: <http://paginas.uepa.br/seer/index.php/sentidos/article/view/352/329>  
\_\_\_\_\_. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém Pará. Editora Cejup, 1995

MEIRA, Clóvis, Ildone, José. Castro Aracy. **Introdução a Literatura no Pará** – Belém: CEJUP, 1990.

MENDES, Armando Dias. **A invenção da Amazônia: Alinhavos para uma história de futuro**. 3 ed. Belém: Banco da Amazônia, 2006

MOISES, Massaud. **A criação literária: prosa 1**. São Paulo, Cultrix, 2006.

MORAES, Raimundo. **Na planície amazônica**. 7ª ed. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1987. RANGEL, Alberto. **O imaginário**. In: **Vários autores**. O conto do Norte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d. p. 107-20.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 28ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009a.

NUNES, Paulo. **Literatura paraense existe?** Disponível em: <<http://escritoresap.blogspot.com.br/2008/01/artigo-do-professor-paulo-nunes.html>>. Acesso em: 24 maio 2018.

PAULINO, Graça, COSSON, Rildo. **Letramento Literário: para viver a Literatura dentro e fora da escola.** In: ZILBERMAN, Regina, Rosing, Tânia (orgs.) Escola e leitura velhas crises e novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

PENALVA, Gilson. SCHNEIDER, Liane. **Identidade e hibridismo na Amazônia Brasileira: Um estudo comparativo de dois irmãos e Cinzas do Norte, de Milton Hatoum,** Revista brasileira de Literatura comparada nº 2, 2012.

PINTO, Emanuel Pontes. Caiari - **Lendas, Proto-História e História.** Rio de Janeiro/RJ: [S.n], 1986, p.195-136

RANGEL, Alberto - **Inferno Verde.** (4ª edição). Tours (FR), Typographia Arrault & Cia. 1927

ROSÁRIO, José Ubiratan, **Amazônia, processo civilizatório: apogeu do Grão Pará.** Belém: Universidade Federal do Pará. 1986.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de Pedagogia da Leitura.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SIMÕES, Maria do Socorro, **Metamorfose: a relevância do tema em narrativas orais da Amazônia Paraense.** Disponível em: <http://seer:ufrgs>

SOLE, Isabel. **Estratégias de leitura.** Trad. Cláudia Schilling. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA1, Anervina, **As lendas Amazônicas na sala de aula – Apropriação da cultura e formação sociocultural de crianças na interpretação do ser sobrenatural,** editora Valer -Manaus, 2009.

SOUZA2, Marcio. **“Literatura na Amazônia, ou literatura da amazônica”** Disponível em <http://paginas.uepa.br/seer/index.php/sentidos/article/viem/351>. Acesso em 05 de abril de 2018.

\_\_\_\_\_. **A expressão Amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo.** 3ª edição – Manaus; Editora Valer, 2010

SOUZA3, Renata Junqueira(org.) **Ler e compreender estratégia de leitura,** Campinas -SP: Mercado de Letras, 2010

SOUZA4, Valmir de. **Cultura e literatura: diálogos.** São Paulo: Ed. Do Autor, 2008.

SUSSUARANA, Felisberto. Contos Amazônicos – Instituto Cultural Boanerges Sena – ICBS-Santarém-2016.

TELAROLLI, Sylvia, **Memória e identidade nos romances de Milton Hatoum**. Manaus; Editora Valer, 2011.

TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário**. São Paulo: Contexto,2014.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica, tradução**. Maria Clara Correia Castello. São Paulo: Editora Perspectiva.2010.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da pesquisa**. Curitiba: IESDE S.A., 2009.

TUPIASSU, Amarilis.**Escritores da Amazônia e outros nortes: Uma leitora inquieta/Amarílis Tupiassu** – Belém: Secult,2016.

VERRISSIMO, José. **Cenas da Vida Amazônica**; edição organizada por Antonio Dimas . – São Paulo: Martins Fontes, 2011.t

WHITE, Haydan. Tópicos do discurso: História sobre a crítica da cultura: tradução de Alípio Correia de Franca Neto – São Paulo – editora da universidade de São Paulo, 1994.

ZIIBERMAM, Regina, **Como e porque Ler Literatura Infantil brasileira**. Rio de Janeiro:Objetiva.2005.

ZIIBERMAM, Regina (org.), **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre :mercado de letra .1998